O HOMEM-MULHER

AL. DUMAS FILS

O HOMEM-MULHER

VERSÃO

DE

SANTOS NAZARETH

Segunda edição

LISBOA

71 — Travessa da Victoria — 71

1872

O HOMEM-MULHER

RESPOSTA

AO

SR. HENRIQUE D'IDEVILLE

Meu caro senhor,

Li no *Soir* um artigo seu sobre esta questão: Deve matar-se a mulher adultera? Deve perdoar-se-lhe? São boas algumas rasões que dá para desculpar a mulher, muitas são engenhosas, e todas denotam agudeza de espirito. A sua conclusão é que deve perdoar-se-lhe. O absoluto da these, as advertencias judiciosamente feitas pelo redactor principal, no

principio do artigo a qua me refiro, tudo isto deixa a porta aberta á discussão, e se me dá licença, vamos entrar ambos n'ella, apezar de eu não ter a honra de conhecel-o pessoalmente. A minha penna está morta por escrever desde que foi o incidente Dubourg, e eu realmente só aguardava pretexto para dizer o que penso a esse respeito. Isto não falando em que ha quatro ou cinco annos que trago na cabeça esta questão, que a estudo, que a interrogo. Ha de ser ella a base da minha proxima peça: *A mulher de Claudio.*

Esta carta por conseguinte ha de parecer á primeira vista um chamariz para a peça que medito. Que pareça; corro-lhe os riscos, e desde já digo que a opinião de Claudio e a minha não é que deve perdoar-se á mulher adultera, é inteiramente outra.

Escusado será dizer que este *Claudio* é um Claudio moderno, consciente, christão, não é o historico e estupido Claudio que manda ou, para melhor dizer, que deixa matar a mulher por Narciso. A mulher, essa é a eterna Messalina, antes como depois de Christo.

Dito isto, façamos a diligencia por não falar mais de mim e entremos na questão de alto, o mais alto que fôr possivel.

É das mais importantes esta questão, o senhor sabe-o tão bem como eu, não obstante tel-a tratado em poucas linhas (o que eu tenho receio de não poder fazer). A humanidade collectiva e individual ainda não teve uma hora de socego em presença d'este seductor e terrivel X : *a Mulher*. D'ella nascemos; por ella morremos, porque assim como dá a vida á criança, faz quanto pode para tiral-a ao homem, no actual estado das coisas.

É opinião d'alguns que os Orientaes resolveram o problema encerrando a mulher. Que erro! Podem ter-se subtrahido ao sentimento, mas entregaram-se á sensação. Ora o sentimento eleva e a sensação avilta. Julgando submetter o inimigo, concentraram-o, não fizeram mais nada; fecharam a tempestade com elles, em vez de a deixarem correr os quatro cantos do horisonte. Morrem d'ella, fatalmente, gravemente, estupidamente. Ignoram, e quasi todos nós ignoramos, que ha só um meio de tornar inoffensiva a mulher, é dar-lhe a liberdade. Se queremos dominal-a socialmente, havemos de fazer com que finde a sua escravidão. É a garantia d'ella, o seu poderio, o seu genio. Mulheres livres, mulheres mortas!

Mas não é d'isto que se trata por emquanto.

Vamos á nossa proposição. Deve perdoar-se á mulher adultera? Deve matar-se?

Cuidado, meu caro senhor, que vou dizer coisas singulares, paradoxaes para uns, para outros inconvenientes, e monstruosas para a maior parte. É necessario todavia que alguem as diga, e mais vale que seja eu, porque estou já costumado ás exclamações que por ahi vão todos soltar. É inutil acrescentar que não escrevo isto para as mulheres. Ellas não precisam de informações a seu respeito; conhecem-se perfeitamente, e se acontece alguma vez nós conhecermol-as melhor do que ellas a si, tapam os ouvidos e pedem que as deixem ficar com a sua ignorancia, que lhes serve de illusão primeiro e depois de desculpa. As mulheres nem se rendem ao raciocinio nem á propria evidencia; rendem-se só ao sentimento ou á força. Apaixonadas ou vencidas, Julieta ou Martine! É-lhes perfeitamente indifferente o resto.

Por conseguinte o que escrevo é só para instrucção dos homens. Se, tirado o veo a estas verdades, continuarem a cair nos mesmos erros a respeito das mulheres, a culpa não será minha e farei como Pilatos.

Não ignora, meu caro senhor, que o fim da

sociedade é pôr em ordem as forças humanas, os corpos e as almas, fazel-os circular, dar-lhes valor. Se não desempenha melhor esta commissão, é porque não sabe quanto deveria saber, ou esquece o que sabe, ou não pode fazer ainda coisa melhor. Em nome dos factos regista, classifica, glorifica, extermina; mas das causas, das tendencias, das fatalidades originaes, d'isso não se importa. Está limitada ao Este pelo estado civil, ao Oeste pelo Codigo, ao Norte pelos costumes, ao Sul por uma religião ou um culto. E arranje-se cada qual como podér. Ella nem tem prudencia para prever, nem vontade para instruir, nem tempo para emendar. No meio d'este collectivo, que não sabe, não pode, ou não quer garantir nada, só ha uma coisa a fazer, é constituir-se individuo cada qual e garantir-se a si mesmo, com o auxilio de certas verdades eternas e implacaveis. Não livram das aggressões, mas param os golpes.

Socialmente, ha tres ordens de mulheres; ha, para me servir dos termos classicos:

As vestaes — que estão em cima;

As matronas — que estão no meio;

As hetaïres — que estão em baixo.

Ou, em termos mais familiares e intelligiveis:

Mulheres de templo:
Mulheres de lar;
Mulheres de rua.

Claro está que são *de templo* as virgens, *de lar*, as esposas e as mães, *de rua* as prostitutas. Todavia se nos formos a regular só pelas informações do cadastro social, a toda a hora e a todo o instante seremos enganados. Repito que a sociedade não classifica nem pode classificar senão em conformidade com as manifestações visiveis para todos. Mostram-lhe uma menina solteira e ella, que deve consideral-a virgem, saúda e escreve: Mulher de templo. Mostram-lhe uma esposa ou mãe de familia e ella, que deve consideral-a sedentaria e respeitavel, inclina-se e responde: Mulher de lar. Mostram-lhe uma prostituta por ella mesma numerada e, como a sua obrigação é consideral-a degredada e banida de todas as classes, abaixa os olhos dizendo: Mulher de rua.

Parece que ignora, e com effeito ignora frequentemente, as coisas que sabem certos padres, medicos, advogados, sabios e observadores; ignora o desmentido absoluto, quasi sempre tão funesto nas consequencias como nas causas, dado pela natureza, em grande numero de entes, a esta super-

ficial classificação; de sorte que engendra esposas, mães, prostitutas com creaturas nascidas para morrer virgens, e quer obrigar a morrer virgens, ou a ser esposas e mães, creaturas nascidas para ser prostitutas.

Está n'isto o drama.

Dissemos que são *de templo* as virgens. Effectivamente, o que constitue o templo senão o mysterio e a impenetrabilidade? Ora as virgens são mysterios impenetraveis. A natureza e a sociedade, d'accordo apparentemente, dizem-lhes, quando ellas chegam a certa edade, edade que varia conforme as latitudes, dizem-lhes que deve amar.

Amar quem?

O homem, diz a natureza;

Um homem, diz a sociedade;

E desatam a gritar desesperadamente, natureza e sociedade: Aos homens, meninas, aos homens!

E apresenta-se o homem, no estado de esposo para as ricas, de amante para as pobres, e abre-lhes a porta. Ellas saem; e, exceptuando as que ficam no templo por vocação directa, ou por necessidade material, ou por temor do barulho mundano, umas vão parar ao lar, outras á rua! D'aqui

em diante a natureza e a sociedade, até então d'accordo, passam a não entender-se. Principiemos pela natureza.

As duas manifestações externas de Deus são a forma e o movimento. Na humanidade, o masculino é movimento, e o feminino forma. Da sua aproximação é que nasce a creação perpetua; todavia essa aproximação não se verifica sem haver luta. Antes da fusão ha o choque. O movimento quer o que não acha em si e encontra na forma, e a forma quer do mesmo modo o que encontra no movimento e não acha em si. O movimento quer levar a forma, a forma quer reter o movimento.

Como o homem encontra na mulher a perfeição da sua propria forma, diz-lhe: «Sê só para mim.—Mas tu tambem has de funccionar só para mim,» responde a mulher ao homem. Se o homem é consciente e harmonica a mulher, a luta não dura muito. O homem associa-se á mulher, em vez de querer submettel-a; a mulher acompanha o homem, em vez de querer desvial-o do seu caminho. Fica havendo união, e communhão; o resultado é um ente providencialmente combinado, duplo e um, total n'uma palavra, com o sentimento da sua origem, desenvolvimento e fim;

fim não, porque sabe que não pode perecer, e que ha um logar superior onde todos hão de reunir-se. É um noivado eterno, uma eterna filiação. Estado admiravel, sobre-terrestre, que só carece da morte para ser divino, estado a que poucos entes podem chegar, e que bem poucos mesmo podem comprehender. É o que ha mais puro e elevado no amor.

Evidentemente a nossa attenção não vae applicar-se a esta ordem de eleitos, porque de nada lhes serviriam as nossas reflexões e esclarecimentos; sabem mais que nós. Honremol-os, glorifiquemol-os já que passamos junto d'elles, mas vamos passando. N'este momento o que nos preoccupa é a parte media da humanidade na qual ninguem se enterrou tanto como nós, e que tivemos occasião de analysar; o meu desejo, á proporção que procuramos ver-nos livre d'ella, é que tire beneficio egual ao nosso d'aquillo que nos ensinou.

N'esta parte da humanidade, o masculino e o feminino, o movimento e a forma, os sexos, aproximam-se e casam-se, sem saber porque, deve dizer-se. Os mais honestos é para estarem em boas contas com a sociedade, vão á presença d'um *maire* e d'um padre, e juram que hão de amar-se e vi-

ver unidos até á morte. Juramento que é cumprido por ambos com pequena differença. Para elles a vida é um carro a dois, ao qual se mettem e o qual levam, á similhança de dois bois puxando á charrua, por cima das pedras e da lama, quer chova quer faça sol; e lá vão lavrando trabalhosamente a terra que lhes pertence, revestidos de paciencia, sem dar palavra; nem perguntam que semearão na terra lavrada por elles, nem o que produzirá ella depois. Vae na sua frente a necessidade que não os deixa parar, e lhes chega o aguilhão de vez em quando. Lá vem um dia em que ella lhes dá licença para tomarem a respiração, e o dia de descanso faz-lhes o effeito d'um dia de felicidade. Muita porção de instincto, de ignorancia e de habito, alguma resignação, sentimento e esperança, eis ahi o que constitue o fundo d'estas existencias. Homem e mulher vão trabalhando, e dando vida simultaneamente a entes que hão de parecer-se com os paes; até que um dia vem a morte, e morrem como nasceram, viveram, crearam e fizeram tudo, sem saber o que fazem. Succede isto com os pequenos e os pobres, com o vulgar, e com os ricos e os grandes succede exactamente a mesma coisa; a differença é que estes moram em ca-

sas melhores, comem bons bocados, digerem com mais difficuldade, e o unico peso que tem é o das suas paixões, vicios, enfermidades e desgostos pessoaes, voluntarios quasi sempre. Tal é a funcção geral, visivel das sociedades, immensos rebanhos de homens movendo-se, pascendo e balindo, reproduzindo-se, lutando, passando, desapparecendo e renovando-se, e isto sem que haja uma nuvem que volte atraz, uma gota d'agua que torne ao sitio d'onde brotou, atravez da completa indifferença da natureza, que os alimenta e devora com uma serenidade que desespera,

E todavia a grande luta d'estas creaturas não é contra os elementos, a barbarie, a fome, a ambição, a guerra e a conquista: é lá mesmo entre ellas, entre o masculino e o feminino, luta formidavel, eterna, quotidiana, permanente, e tanto mais terrivel quanto os combatentes a principio adoram-se ou julgam, e em todo o caso affirmam, que se adoram. Nesta luta quem é vencido, — não o digo em louvor da mulher, porque ha coisas mais proveitosas para ella, digo-o para sua gloria, — é o vencedor apparente, o homem.

O catholicismo soube perfeitamente o que fazia quando supprimiu o casamento dos padres, e

bem vêem que, desde que existe aquelle Novo Mundo da alma, os pastores do rebanho humano tem-se subtrahido sempre ao feminino quando o não tem subordinado a si, pela alliança puramente espiritual. A primeira coisa que todos nós fazemos é remetter ao padre nossas mulheres e nossas filhas, declarando-nos d'este modo incapazes de dirigir a sua alma, que fica aberta de par em par para elle e para nós vedada, se o padre entende que deve fechal-a quando entra. Vemol-o então desapparecer com ellas em regiões onde nós não somos admittidos. Lá, dizem coisas com que nós nada temos. É o direito do confessor e o segredo da consciencia. Se nossa filha ou nossa mulher commette qualquer falta apezar da intervenção benefica do padre, podemos estar tranquillos, que tornamos a entrar na posse dos nossos direitos; somos nós que havemos de padecer e remediar tudo. Imperturbavel e paciente como o seu Deus, o padre, esse aconselhará o arrependimento e preparará a alma para elle. Se vem o arrependimento, torna o padre a revestir-se da sua auctoridade; se não vem, levanta placidamente a vara da excommunhão sobre o peccador que não se arrependeu. Se é menina, rouba-a á justiça paternal; se é esposa, subtrahe-a á

jurisdicção do marido. É verdade que o homem, esse pode subtrahir-se á influencia do padre, mas o padre tambem não faz grandes diligencias para chamal-o a si; em quanto tiver a mulher, ha de sempre ter seguros o homem e os filhos, cuja alma o homem, *que tem coisas serias a tratar*, confia sempre á mãe, com o pretexto de que é necessario que as mulheres e as creanças tenham alguma religião, coisa que elle não pode dar-lhes. O padre tem só um adversario nas mulheres, é o amante. Porém nem todas o tem, e as que o tiveram (porque nós sabemos como acabam estas coisas) tornam a voltar-se para o padre na proporção de noventa e cinco por cem.

Por isso não nos admira que os chamados *livres pensadores* tenham só esta idéa, emancipar a mulher e arrancal-a á Egreja. Presentem que o masculino não terá liberdade em quanto o feminino, sem o qual elle não pode passar, estiver sujeito á representação arbitraria e positiva de Deus personificada no padre. Desgraçadamente para os livres pensadores, bem entendido, nunca será um facto a emancipação da mulher. Hão de esbarrar sempre, não com as convenções sociaes, isso seria o menos, mas com um elemento constitutivo da mulher eterna. O homem a maior parte das vezes é fetichista e ido-

latra. Adora a mulher especialmente na sua forma externa; a mulher, pelo contrario, é sempre supersticiosa, quero dizer carece sempre de alguma coisa superior a ella, que não tenha forma, porque da forma já ella é a expressão mais perfeita; e como o homem a maior parte das vezes não tem cultura, é feio, ignorante, brutal e bestial, submette-se a ella ou então obriga-a a descer até elle; como em todo o caso a mulher se considera egual ao homem, procura alguma coisa que a domine e exalte simultaneamente n'aquella lenda religiosa que lhe chama rainha da terra, por ter sido *ella* que fez com que Adão fosse expulso do paraiso, por ter sido *ella* que deu á luz Deus sem auxilio do homem, por ser *ella* finalmente quem ha de esmagar a cabeça da serpente. Se segue o movimento das almas, meu caro senhor, como segue o da politica e dos acontecimentos, ha de notar que o padre, do qual se vae vendo livre o homem, faz pela sua parte quanto pode para libertar a humanidade catholica da religião do masculino, para assim dizer, da religião do Padre e do Filho, e encadeal-a, por meio da Immaculada Conceição, á religião de Maria, da Virgem Mãe, da *esposa espiritual*, finalmente da mulher.

Tem grande importancia estas questões, meu caro senhor, muito maior importancia que as que absorvem tantas vezes a nossa attenção, em beneficio dos que se collocaram acima das coisas humanas, supprimindo n'elles o feminino e voltando-o contra os outros; em beneficio dos religiosos (percebe bem o sentido da palavra, não é verdade?) que aproveitam o tempo gasto por nós em outras coisas para traçar o circulo dentro do qual nos encerram.

Não lhe esqueça, meu caro senhor, que morrem os imperios, que se transformam as civilisações, que se dividem as religiões, mas que Deus, o homem e a mulher, principios do mundo, nunca variam. São representados por Deus, pelo homem e pela mulher os tres lados do eterno triangulo. Os livres pensadores querem contrapôr a Deus o homem e a mulher, coisa impossivel; respondem-lhes os padres contrapondo Deus e a mulher ao homem que não quer fazer uso da intelligencia e os obriga a fazer as vezes d'elle; por isto o homem é momentaneamente vencido. Por conseguinte o que é necessario? Fazer uma coisa no segredo da qual estão alguns, estabelecer a harmonia entre os tres lados do triangulo; para me servir d'outras

expressões, em vez do homem e da mulher conspirarem juntos contra Deus, coisa que nunca virá a succeder, em vez de Deus e da mulher conspirarem juntos contra o homem, que é o que acontece hoje, devem Deus, o homem, e a mulher entender-se mutuamente; é uma necessidade, e é o que deve ser. Assim ficará descoberta a harmonia universal, porque compondo-se a familia primeiro dos dois individuos, homem e mulher, esposo e esposa, pae e mãe, compondo-se das familias a sociedade, das sociedades as nações, das nações o mundo, com Deus no cume, á roda e dentro, ha a certeza de que no dia em que os individuos estiverem em *Consciencia*, estará o mundo em harmonia e o ceo e a terra serão uma só coisa. *Amen*!

E o meio para chegar a esta suprema perfeição?

Vamos procural-o.

Ponhamos de parte o conjuncto das coisas, porque é só consequencia, e tratemos do homem e mulher, que são principio. E já que classificá-

mos as mulheres, classifiquemos agora os homens. N'esta classificação porém não entra a sociedade com parte alguma, porque a liberdade que o homem arrogou a si e de que carece para operar o seu movimento providencial faz com que elle percorra e atravesse todas as demarcações sociaes. Não é *de templo*, porque a sua virgindade ainda não faz parte integrante do seu valor social; não é *de lar* no mesmo sentido que a esposa, porque n'um minuto é pae, ao passo que a mãe para sel-o precisa perto de um anno; porque alimenta o filho com o seu trabalho mas não com a sua substancia, podendo a necessidade de trabalhar desvial-o do lar milhares e milhares de leguas, o que não póde exigir-se da mãe senão quando enviuva, quero dizer quando é forçada a substituir o homem e a exercer ao mesmo tempo funcções de mãe e de pae; finalmente não é *de rua* no mesmo sentido que a mulher, porque o coração e o corpo do homem podem errar sem que por isso, — até hoje assim tem sido sempre, — ella desça no conceito da sociedade, póde descer physica ou moralmente fallando, mas fica com a liberdade de levantar-se quando muito bem quizer. Quando se vende, quando faz do amor commercio á similhança da prostituta, cae mais baixo que es-

ta. Nem fica sendo *de rua*, fica sendo *de enxurrada.*

Temos portanto que classifical-o, uma vez que tem movimento proprio, livre de certas necessidades impostas á mulher, conforme o testemunho que elle dá de si mesmo. Dividiremos por conseguinte os homens em duas ordens de elementar simplicidade:

Os homens que sabem, isto é alguns;

Os homens que não sabem, isto é todos os demais.

Receberam os primeiros por missão esclarecer e dirigir os segundos; mas conhecendo estes que estão em maioria, proclamam-se por isso os mais sensatos, e em todo o caso os mais fortes, e resistem em nome dos seus interesses, paixões, sentimentos, habitos, em nome da sua liberdade finalmente. Não se explica d'outro modo a lentidão, quasi imperceptivel, com que a humanidade caminha para o conhecimento de verdades que são evidentes para todos. A duração, natureza, consequencia do conflicto entre as duas ordens no que interessa aos homens e ás mulheres são coisas que saltam aos olhos.

Quando a mulher cae nas mãos do homem

que sabe, vão as coisas ás mil maravilhas, como diziamos no começo; o homem *que sabe* não se engana na escolha que faz da mulher, e quando se engana sabe o que depois deve fazer. Mas como o homem *que sabe* é raro, a maior parte das mulheres caem nas mãos dos homens *que não sabem*. Ora não podendo a mulher funccionar sem a intervenção do homem, porque n'elle é que reside o movimento, não é difficil prever onde irão parar ambos, se não tomar cada um para seu lado, quando elle proprio não sabe para onde vae. Póde deduzir-se d'isto que é sempre por culpa do homem que a mulher erra, e que o homem está, por conseguinte, sentenciado a perdoar, que é o que quer, meu caro senhor, o seu interessante artigo do *Soir*. Examinemos o caso.

Sabemos como o homem se casa, não é assim? Tratemos primeiro do casamento para assim dizer esthetico, do que é para a mulher consequencia immediata da sua saida do *templo* e no qual ella entre virgem e de boa fé. O homem ou se casa por amor, ou por conveniencia, como costuma dizer-se; assigna em todo o caso um contracto definitivo, contrae uma alliança indissoluvel, em França por menos.

Encontra ou mostram-lhe uma menina mais ou menos apta, mais ou menos disposta para o casamento; porque, como ignora absolutamente o que é o casamento, ninguem póde saber, nem mesmo ella, se é apta e está disposta para elle. Isso porém não lhe importa a ella, gosta do noivo ou, para melhor dizer, agrada-lhe o noivo, duas coisas differentes; e é bom recordar isto, porque ha muitas pessoas que não sabem que nenhuma menina, na vespera do casamento, conhece se ama verdadeiramente o homem que vae desposar. O mais cedo que conhece se o ama ou não é no dia seguinte. Havemos de tornar a tocar n'este ponto. O dia immediato ao casamento é a genesis da mulher.

Tem assistido a noivados, não é verdade, meu caro senhor, entre a aristocracia, a burguezia e o povo? Mais ou menos luxo, mais ou menos gente, mas a impressão é a mesma sempre. Observada bem a ceremonia, é triste, tressanda a sacrificio humano. Olhe bem para os conjuges. Qual d'elles é, n'aquella occasião, superior ao outro? Evidentemente a mulher. Repare no que ella traz ao homem! no que vae arriscar! Tudo para ella é mysterio. Por isso está tão commovida, tão perturbada, com ar tão supplicante. Estiveram-a prepa-

rando, disseram-lhe que ha um mysterio natural que é necessario conhecer para ficar bem com Deus, para ser definitivamente mulher, para se elevar á cathegoria de mãe! Quantas circumlocuções, periphrases, metaphoras! Por conseguinte a mulher traz para o casamento a innocencia, uma certa curiosidade vaga, temores involuntarios, e o que ella chama amor. Repare agora no homem: camponez, operario, negociante, duque ou par, vistam-lhe uma casaca preta, ponham-lhe no pescoço um lenço branco, levem-o diante do altar, e verão que fica com uma cara de tolo como nunca teve em dia nenhum da sua vida. Cerca-o ainda a atmosphera de pomadas e cheiros em que o enfrascou o cabelleireiro. Não comprehende a grandeza, a eternidade do acto que pratíca. Nem mesmo dá por isso. Domina-o o desejo ou o calculo. Declarou-se sacrilego e perjuro, porque para contrair aquelle compromisso definitivo, teve que immolar, se é honrado (expressão que muita gente por ahi obriga a fazer coisas que não se fazem), teve que immolar até no pensamento, porque na realidade fel-o com certeza, os anteriores amores aos quaes tinha egualmente promettido a eternidade! Pobre, estupido, e inculto homem, eis ahi está o que dás de presente a uma

virgem de corpo e alma! Eis ahi está o sacrificio que lhe fazes, e sinceramente a maior parte das vezes. Acreditas que é assim que se devem fazer as coisas, e que vae tudo correr-te como queres. És moço, robusto, e tomaste juizo desde que começaste a fazer a côrte á tua noiva; se é que ainda na vespera, para enterrares com solemnidade a vida de rapaz solteiro, não estiveste de folia com os companheiros a quem desejavas dizer o ultimo adeus e as raparigas de quem querias despedir-te para sempre fazendo uma suprema libação aos amores profanos! Eis-te finalmente ao abrigo do Codigo, abençoado pela Igreja, com o amor da familia, e tendo por armas as do teu sexo! Findo o pequenino banquete para que tinhas convidado os padrinhos, os amigos de maior confiança e todos os parentes, banquete que tanto póde ser ceremonioso como alegre, — isso depende da sociedade em que vives e do caracter que tens, — ahi vaes tu com a tua noiva. O mundo é teu e mais d'ella.

Chega finalmente a occasião de estarem sósinhos. Pertence-te a creatura viva que tens na tua presença. Foi a familia e a sociedade que t'a entregaram, depois d'ella mesma declarar que confiava em ti. Simultaneamente altar e victima no

sacrificio que vae celebrar-se, eil-a que aguarda o deus de quem deve receber a morte e a vida, porque ha dentro d'ella uma coisa que deve morrer e outra que deve nascer. Saiu do templo para subir mais alto, e acima d'elle só vê o ceo. Está prompta para subir lá comtigo, tem as azas abertas; onde estão as tuas? Cuidado! a occasião é unica. Ella está intacta, não fala, ignora tudo, sente-se perturbada; mas é mulher, é curiosa. Vel-a-heis esconder o rosto com ambas as mãos, certamente para não ter alguma vertigem nas eminencias onde vaes leval-a, mas tens a certeza de que conservará sempre os olhos fechados, e não espreitará por entre os dedos se tu a levas onde ella quer, ou onde deve ir? Descobrir praias desconhecidas inteiramente dos geographos, e hastear lá a nossa bandeira, é realmente interessante, mas corre uma pessoa o risco de ser assassinada pelos selvagens como aconteceu a Cook, ou de perder-se n'algum recife á similhança de Lapérouse; cuidado! repara que não conheces o caminho por onde vaes. Tem talvez rochedos, e correntes que não te deixem depois sair; talvez lá haja selvagens com fome de carne humana e que te devorem; pode ser que vás encontrar algum anjo que conheça que tu

não vens do ceo nem vaes para lá. Cuidado, cuidado! Já não és o que foste até aqui, já lá vae o tempo em que galanteavas mulheres que tinham tido sempre antes de ti alguem que as instruisse, que sabiam o que tu querias d'ellas e o que ellas queriam de ti, e das quaes podias ver-te livre no dia immediato; agora és o homem em face da mulher, tal qual como no primeiro dia da creação. Sois vigiados por Deus, espreitados pela serpente, e á porta está o cherubim com a espada flammejante; n'uma palavra, eis-te envolvido nas grandes lutas, na eterna luta do masculino e do feminino.

São differentes as armas de ambos os lados. A mulher, na qualidade de ente de forma, é passiva e mantem-se em defesa; na qualidade de ente de movimento, o homem caminha para a frente, ataca. O homem tem grande confiança n'esta faculdade particular, apezar d'ella não deponder da sua vontade, ter tambem livre arbitrio e ser limitada. Mas nem por isso deixa de ser este o seu principal argumento para o triumpho definitivo. Porque demoliu, já cuida que conquistou; porque dominou, imagina que venceu. Por causa d'este valor guerreiro é que elle tem sido, ou julga que é amado. Hoje, como hontem, engana-se. Não era amor que hon-

tem lhe pediam, era prazer; hoje já não é prazer que lhe pedem, é amor. Em resumo, um dos maiores erros do homem é acreditar que por meio da sensação pode ter acção sobre sua mulher. Não ha uma só mulher, por muito grande que seja a sua degredação, que não fale d'aquella primeira realidade com vergonha, medo, repugnancia, e tristeza, isto quando fala; e as que, coml a continuação, gostam de falar em similhantes coisas, são quasi tão raras como as que se prestam a ellas de boa vontade ao principio.

O que tu não sabes é que tua mulher, e a mulher em geral, a que merece ainda este nome, dá muito pequeno apreço ao homem durante aquella apotheose momentanea. Para ella participar da sua embriaguez creadora, é necessario ou uma disposição natural dos sentidos, o que é pouco frequente, ou uma iniciação progressiva. Muitas vezes as mães mais fecundas são as primeiras a ignorar aquella embriaguez, e ha mulheres adulteras e prostitutas perdidas por terem querido procural-a e que, morrem sem nunca a ter conhecido. Não acredites portanto que vaes achar desenvolvida na virgem-esposa essa disposição particular. Se ella a tiver, treme pelo teu repouso, honra e vida, exce-

pto, se depois de teres a desgraça de furtar o fogo celeste, tiveres o talento necessario para dirigil-o e fores simultaneamente Prometheu e Franklin; n'este caso passo-te diploma de mestre. Tens por pedestal o Caucaso e o abutre domesticado canta que parece um rouxinol.

O certo é que, por mais terna e resignada que seja a esposa, por maior confiança que tenha, o contacto definitivo do homem rebaixa-a, porque faz com que ella perca a sua integridade, a unidade de corpo e de alma, e perturbando-lhe os sentidos, modificando-a até na forma, determina e limita o seu ideal. Sente-se expoliada da sua virgindade, e por isso não reparte comsigo d'aquillo que dá. Duas vezes é lograda; tal é a sua primeira impressão ou, para melhor dizer, tal é o fundo das vagas impressões que se seguem ao teu attentado e á sua metamorphose; porque ella nos primeiros dias não pode fazer idéa de coisa alguma, mas a pouco e pouco, lentamente, ha de ir adquirindo consciencia de tudo, ha de sentir uma coisa parecida com a necessidade da desforra, e assim como o gato quando vae para uma casa nova começa a olhar para as paredes e a cheirar as portas depois de ter estado escondido debaixo dos moveis, assim

ella ha de fazer. Sem premeditação nada d'isto, puramente por instincto. Percebe logo, e é facil de comprehender a alegria que isto lhe deve causar, que foi uma falsa victoria a victoria ganha pelo homem sobre ella, e que quanto menos ella resistir ao homem, maiores serão os seus triumphos sobre elle! E eil-a que passa a mão sobre o focinho; ha ratos no quarto!

Convença-se d'isto, a natureza não deu inutilmente á esposa a serenidade que ella tem mesmo quando o marido quer fazer-lh'a perder e perde a sua. N'essas occasiões está ella com os olhos meio fechados, examinando o seu vencedor, estudando-o; então é que começa a conhecel-o. A sua força de acção é espontanea mas intermittente, só o poder d'ella é que é continuo e duradoiro. Primeira mancha no homem. Mas depois? Feliz victima! Pobre algoz! Eis que principias a ouvir as seguintes palavras, que te fazem crer que é razoavel e sensata a mulher que desposaste:

«Agora, meu amigo, toca a trabalhar, e como um homem»; e quando não são estas: «É preciso sairmos, fazer algumas visitas; prometti a minha mãe que havia de ir vel-a ao campo comtigo, e não devemos esquecer-nos das pessoas

da nossa amisade;» e quando ainda não são estas: «Tenho uma grande noticia para dar-lhe, sr. meu marido! — Serio? — Serio! — Oh! como eu te amo.»

Repara como ella vae readquirindo o modo de andar que trouxe do *templo*. Parece uma madona com o vestido comprido, sem cintura, arrastando pelo chão. Tem o ar nobre e algum tanto altivo, a postura é graciosa e pudica. Vamos, poupa-a a fadigas, evita-lhe todo o genero de commoções. Ella já não é donzella, para sentir, nem mulher, para se embriagar: sentimento e embriaguez já não tem nada que fazer alli. Agora é respeitar a mãe, adoral-a e servil-a. Á roda d'ella, para a isolarem de ti, agrupam-se todas as forças femininas de ambas as familias, da tua e da sua. É tão inexperiente, tão delicada! E não é só a ella que póde ser funesta qualquer imprudencia, ha o menino. Sois tres d'aqui por diante! Pensa n'isto! E que fazes n'este intervallo, onde mettes a necessidade de vencer e os teus heroismos musculares? Não lh'os has de impôr a ella, seria um crime, e transferil-os para outra parte seria uma infamia.

Ella pensa em tudo menos n'isso; está operando a sua ultima encarnação, está-se fazendo mãe.

Se lhe agradar a maternidade, coisa que só depois pode saber, ha de tornar a pedir-t'a, podes estar tranquillo; se pelo contrario não lhe agradar, pobre de ti! não queria estar no teu logar; ha de ser uma coisa triste a alcova! Mas voltando atraz, já não és tu que estás dentro d'ella, é o filho. Assim como em menina esquecia completamente seu pae e sua mãe quando pensava em ti, assim te esquece agora completamente quando pensa n'Elle, que é outro desconhecido para ella, e tu sabes que a mulher tem sempre fome de desconhecido. Mais ainda, e conforma-te, ella não considera como sendo de ambos a creança que traz no seio, é d'ella só! Imaginas que considera egual á sua a tua acção n'aquella obra da geração? Tu é que immolaste o pudor? Foste tu que padeceste? A ti é que vão dilacerar as entranhas? És tu que vaes ficar sem a elegancia dos teus contornos e sem a pureza das tuas linhas? Corre algum risco a tua vida? É d'ella o filho, d'ella só, e tu verás em elle nascendo.

Agora dize-me tu, aqui para nós, que impressão te causa a idéa de que vaes ser pae? Estás quasi admirado da peça que te pregou a natureza, hein? Lembras-te como tu, quando eras rapaz, fazias escarneo dos filhos dos outros? Nha-nhã, nha-nhã,

nha-nhã! São insupportaveis, dizias tu; mas porque não eram teus. Passemos adiante. Alguns dias antes do successo de tua mulher, ha de o medico ordenar-lhe que ande para ajudar a natureza. Onde estarás tu n'esses dias? Naturalmente has de dizer que nunca tiveste tanto que fazer. Confessa a verdade, não te atreves a apparecer com ella. É grotesco, não é, um marido passeiando por essas ruas com a mulher gravida de oito mezes e meio, especie de pipasinha com duas pernas? Parece que vae dizendo a todos: Que lhes parece, hein? e olhem que fui eu... E toda a gente havia de olhar para ti, e havias de ver voltejar nos labios dos transeuntes os mesmos gracejos que tu n'outro tempo dizias aos maridos em egualdade de circumstancias.

Mesmo para ella é indifferente que a acompanhes ou deixes de acompanhal-a. «Prefere até que a não acompanhes, porque a tua presença havia forçosamente de causar-lhe certo embaraço diante das pessoas estranhas; o marido não deve apparecer em publico com a mulher n'aquelle estado, não é conveniente, não é decente. Quando ella quizer sair pedirá á mãe, á irmã, a qualquer amiga que a acompanhe. São infinitos os casos para que os

homens não são chamados.» Isto porém não obsta a que leves todos os dias para casa tudo quanto ella appetecer, fructas do tempo, coisas salgadas, legumes, etc. Sabes qual era o seu desejo? «Dar á luz durante a tua ausencia. Tem a certeza de que não ha de faltar-lhe o animo, mas não confia no teu valor. Acha-te muito impressionavel, nervoso. O medico mais d'uma vez lhe tem dito que o marido, em certas occasiões, serve mais de estorvo que de auxiliar. Os homens não tem a força necessaria para supportar aquelle espectaculo. Coitados d'elles, se tivessem que padecer pelos filhos o que padecem as mulheres! Então se veria que não são tão corajosos como se pensa. O melhor de tudo seria tu entrares um dia em casa e encontrares o pequeno já deitadinho e prompto ao lado da mãe, lavado, ligado, e com sua toucasinha branca na cabeça.»

Não podes estar mais distante do pensamento da mãe. E cuidas que ella, depois da criança estar n'este mundo, se lembra de ti? Enganas-te. Não pensa senão no pequeno. É menina ou menino? Deixem-m'o ver. Meu querido anjinho! E voltando-se para ti, se se volta: «Ai que dores que eu passei! cheguei quasi a julgar que não tornarias

a ver-me. Agora necessito de ser muito bem tratada, com muito carinho, muito mimo! Porque não sei se sabes que eu é que quero criar o pequeno, estou resolvida a isso.»

Criar o pequeno! são dez ou doze mezes por menos! Não pode ser. E ahi vaes tu procurar o medico, para dissuadir tua mulher. (Tens já necessidade de alguem que a dissuada.) Ella tem poucas forças, começas tu, e aquillo vae fatigal-a muito, dar cabo d'ella. Mesmo para a criança é muito melhor uma ama, uma mulher do campo que seja forte e saudavel. Em primeiro logar está a saude da criança. Tens ainda outras razões que não dizes ao medico, mas essas percebe elle quaes são. «Colloque-se o doutor no meu logar, etc., etc.»

Porém a mulher persiste; quer criar o filho. Se lhe acontecesse alguma coisa, como poderia ella evitar os remorsos? A consciencia nunca a absolveria de ter faltado ao seu dever. Não ha nada para uma criança como o leite da mãe. Não basta dar-lhe vida, é tambem obrigação alimental-a, etc.

O que tens que dizer a isto? E assim se vae um anno. Findo elle, e se tens tido juizo, és novamente admittido a ser pae? Não, a fazel-a mãe a ella.

Vejo que abaixas a cabeça; é que te sentes vencido, tu tambem, pelo feminino, o eterno feminino. Serviu-se de ti para a obra eterna que tem a fazer. Attraiu-te, seduziu-te, utilisou-se de ti, poz-te de parte depois, e tornará a chamar-te ou a eliminar-te conforme as exigencias do seu destino e das suas funcções. E fica sabendo que ha de acontecer-te sempre isto, seja qual for a situação em que te encontrares com a mulher. Ella quando chama o homem é porque precisa d'elle.

Devo notar-te que a mulher citada e descripta por mim é, como esposa, a melhor que podes encontrar e desejar. Foi *de templo*, e como *mulher de lar* comporta-se lealmente, ha de brilhar-lhe sempre na fronte um raio do seu primeiro estado. Não só se acha em conformidade com a natureza, como com a religião e a sociedade. É a verdadeira esposa; a verdadeira mãe. Segue o seu caminho n'este mundo, sem se desviar para lado nenhum, com Deus por cima de si, o marido ao lado e á roda os filhos. D'esta ou d'aquella classe, mulher da côrte ou mulher do povo, vive e morre em equilibrio.

Conheceste-a immediatamente, se é que pertences ao numero dos *que sabem*, disseste quem

eras e ella conheceu-te tambem, comprehenderam-se mutuamente, fundiram-se, formaram uma só creatura e foram o Homem-Mulher da creação primitiva.

Se pertences ao numero dos *que não sabem*,— e pertences, se assim não fosse não tinha eu nada a dizer-te, — e alcançaste do mesmo modo, por consonancia social, ou ella te esclarece subitamente e te chama a si (*ex labris feminæ spiritus*), ficando-te porém superior; ou reconhece que pertences ao mesmo grupo mas tens differente valor, e, não obstante respeitar-te exteriormente, vae-te extraindo a pouco e pouco da sua vida interna, limitando-se a applicar-te ás suas funcções. Supprime-te como esposo real, limita-te como pae effectivo, admitte-te e utilisa-se de ti só para gerador; findo o serviço a que te destina, diz-te que vás trabalhar ou divertir-te, obrigando-te a gravitar na sua atmosphera, não te deixando naufragar nas tuas phantasias, assumindo ella todas as responsabilidades em presença do eterno e do social. Trata de ti quando estás doente, lastima-te e senta-te junto d'ella quando tens algum desgosto, quando morres enterra-te e glorifica-te; aos olhos dos filhos faz-te passar por uma figura legendaria, como

devias ter sido na realidade e como na memoria d'elles deves ser; se, depois de morta, te encontra batendo inutilmente ás portas do ceo, volta-se para Deus e diz-lhe: «Deixae passar este homem, Senhor; conheço-o, elle não é mau.»

Esta mulher é a chamada mulher superior, relativamente, bem entendido. Deves levantar as mãos ao ceo por t'a ter dado. Não a merecias. Se não fôra ella, farias o que costumam fazer os tolos da tua especie que a não encontram, amontoarias ruinas sobre ruinas e desastres sobre desastres. Não são raras como se julga as mulheres assim, e muito menos o seriam se o homem conhecesse melhor a mulher, e se não deixasse, em nome de falsos interesses e suppostos gozos, perder-se no celibato, no trabalho excessivo, na miseria e na corrupção, uma grande parte, a maior talvez, d'aquelle elemento de vida e de fecundidade. Poucas mulheres ha que não sintam ou não tenham já sentido, em certas e determinadas occasiões, um valor disponivel em si, expectante, susceptivel de utilidade, e que não tenham chamado com amor, desespero ou ameaças o unico ente capaz de satisfazel-as, o homem, porque a primeira obrigação d'ellas é serem mães e não podem sel-o sem elle. D'a-

qui o merito da mulher, a sua evidente superioridade sobre o homem quando não encontra n'aquelle que desposou o verdadeiro esposo e o verdadeiro pae, e apezar d'isso não procura outro; pelo contrario, conserva-se esposa immaculada e constitue-se pae e mãe de seus filhos. Por isso tambem ella tem direito de queixar-se e vingar-se do homem quando este depois de desdenhar o seu valor nativo, quer tirar proveito, sem correr risco algum, das fraquezas, desvios e erros de que é causa, isto não tendo querido associar-se á mulher ao menos pelo casamento e pela estima. N'este caso a mulher tem licença para tudo, e os homens que vociferam contra ellas porque os enganaram, roubaram e aviltaram a elles e aos filhos, merecem uma gargalhada. Usurarios da alma! Queriam absolutamente colher amor e felicidade onde só tinham semeado coleras e odios.

Ha ainda outra verdade absoluta, que a mulher não diz quando começa a luta, para não dar ao adversario direitos de que elle poderia vir a abusar; a verdade é que a mulher em voz alta pede ao homem que seja escravo d'ella, mas devagarinho pede-lhe que seja seu senhor, senhor forte, meigo e justo, para ella servir, amar e honrar sin-

ceramente em reconhecendo n'elle essas qualidades. Não quer ser ave de presa; quer ser conquistada, e tem razão. Leal e intelligentemente vencida, será sempre alliada submissa; quem não a entender ou a applicar mal só encontrará n'ella indifferença ou hostilidade. E a superioridade que ella pede ao homem não tem relação alguma com a superioridade social; é puramente moral. Não pede ao homem que deseja amar que seja superior aos outros homens; talvez até receie que se dê este caso; pede-lhe simplesmente que seja superior a ella. Em ella lhe obedecendo já elle aos seus olhos será capaz e digno de governar o resto dos homens. Não se explica d'outro modo porque tantos homens obscuros tem sido objecto de grandes affeições, ao passo que tem morrído sem nenhuma tantos homens celebres. Toda a mulher tem o que quer que seja de Chimène; a differença está em que o combate de que quer ver sair vencedor o seu Cid, para se lhe dar em premio, é o combate que elle trava com ella. E cuida valer tanto que não duvida que elle depois de vencel-a, possa, ainda por cima, derrotar todos os Castelhanos e Navarros d'este mundo.

Tal é a mulher, a essencia da mulher, se é per-

mittido explicar-me assim; uma como forma, funcção e ideal, mas perfeitamente modificada nas superficies pelas influencias ambientes, educação, sociedade, cruzamento das raças, familia, por mil fatalidades de que ella é victima sem poder explical-as, e especialmente pela ignorancia do homem, que pede geralmente á mulher o que ella não pode dar e tambem não dá o que ella pede.

Em resumo, ha a mulher como a fez a natureza, e ha as mulheres como as faz a sociedade· É conveniente não confundir estas distinctas especies quando se está de observação, apezar dos esforços que instinctivamente fazem as mulheres ficticias para nos persuadirem que são a mulher real. Não se deixem enganar. É um elemento esta, quero dizer um corpo simples, e, por conseguinte, que não pode decompôr-se; as outras são um composto de quantas misturadas ha, especie de combinações chimico-sociaes; o elemento divino que ellas tem guardado, ou em estado latente, só pode ser extrahido pelo religioso, pelo observador, pelo *que sabe*, e em quanto o não é, perturbam, embriagam, adormecem, asphyxiam, exasperam, dissolvem e volatilisam os falsos machos, *os que não sabem*, isto sem ellas mesmas conseguirem concen-

trar-se. Da confusão do ficticio com o real saem as comedias, os dramas as tragedias do amor, das quaes o *litterario* tira o seu alimento, riqueza e gloria, augmentando tambem, por meio do predominio que dá ás sentimentalidades vagas sobre as verdades fundamentaes, esta mesma confusão, que, se é seductora e perigosa para os outros, para elle é fecunda.

Admittimos a hypothese mais feliz para o homem, a do casamento em que elle encontra a mulher no estado de ente funccional e util, que se limitará a pedir-lhe o meio de pagar á natureza o tributo exigido por ella: a maternidade; é necessario todavia admittir o caso muito mais frequente em que o homem em vez de associar a si a mulher, colloca ao seu lado uma das combinações chimico-sociaes acima mencionadas.

As sobreditas combinações são as que contrariam e dessarranjam aquella classificação social: *Mulheres de templo*, *mulheres de lar*, *mulheres de rua*. A natureza tambem classifica, mas essa não julga pelas exterioridades, julga os individuos pelo que elles realmente encerram, e por isso não ha appellação das suas sentenças.

Em todos os tempos o que chamam civilisação tem produzido grandes revoluções humanas, e as nações mais distantes entre si tem-se relacionado quasi sempre por meio da guerra; os povos foram de encontro uns aos outros, e depois é que travaram conhecimento; d'este modo se cruzaram as raças em que estava já dividida a especie humana. Por isso no seio da nossa sociedade moderna, especialmente depois d'estes ultimos seculos, ha individuos, provenientes do cruzamento de duas ou tres raças, talvez até das cinco e das variedades que ellas contém, nos quaes se encontram, em proporções mais ou menos eguaes, caracteres de differentes individuos, attenuados sim, mas permanentes. Acrescentem a isto as tradições, educações, religiões, paixões, habitos, usos particulares dos grupos e das familias a que pertenceram os seus antepassados, e vejam se de tudo isto não sae um mixto extravagantissimo, cujos productos são forçosamente heterogeneos e estão muitas vezes em perpetua contradicção com a esphera social onde se movem. É um principio elementar que quando observamos moralmente os homens, devemos procurar saber de que typos procede o individuo, na conformação da cabeça, pés e mãos, na côr do rosto, cabello e

pelle, no som da voz, nos movimentos, posturas e gestos, inclusivamente na sua similhança com os animaes, preciosos esclarecimentos que devemos a Lavater, capazes do causar assombro a Buffon. Se não fizermos estas comparações o resultado da nossa applicação será nullo, e tomaremos por anomalias fortuitas, por espontaneas aberrações de espirito, certos caracteres cuja culpa ou desgraça é não se moverem no campo de acção à que os tinha destinado a natureza. Inclusivamente a pressão da esphera antagonista onde se movem esses entes particulares, e da qual não podem sair, leva alguns á loucura, ao crime, ao suicidio, condemna-os á esterilidade. Outros conseguem emigrar, a despeito de tudo, e tornam instinctivamente ao berço da sua raça, sem elles mesmos saberem porque. Ha tambem alguns em que é tão poderosa a seiva e a originalidade que, em vez de se deixarem devorar pelo social que lhes serve de obstaculo, voltam-se contra elle, dominam-o, absorvem-o, derribam-o, transformam-o para bem ou para mal. A maior parte todavia tem todos os dias mil occasiões, n'uma sociedade de tanto movimento como a nossa, para dar saida ás suas exoticas faculdades, e se a policia tivesse tempo, podia dar-se

a uma etnographia moral muito interessante e util.

O que nos individuos homens é consequencia é necessariamente consequencia nos individuos mulheres. A differença entre os homens e as mulheres consiste em que estas, cujos movimentos, para não dizer acção, são mais circumscriptos, tem só o casamento e o amor por campo de operações, e os seus unicos meios de acção são os homens. Ora como os homens, seja qual fôr a sua origem e fim, passam sempre mais ou menos pela mulher, esta espera que elles passem, prompta a seguil-os, a fazel-os parar, se tem a força necessaria para as arrastar comsigo, ou a dirigil-os, se são fracos e deixam levar-se por ellas. N'este ponto a luta toma ás vezes proporções medonhas.

Quando o macho e a femea são, não direi harmonicos, mas congeneres, apreciam-se mutuamente, encontram a latitude que lhes é propria ou transportam-a para os seus sentimentos, e chegam com pouca differença a viver tão bem *aqui* como *acolá*, agarram-se, amam-se, arranjam-se, para me servir da expressão vulgar. Mas quando o homem é um rapazito saído da classe media, cujas tradicções não passam da rua dos Lombardos, onde adquiriu tudo

quanto possue, e solicita e alcança a mão d'uma menina que descende dos selvagens da Mendana, os quaes se vestem com pennas de passaros, cobrem o corpo de desenhos e figuras de côres, manejam o arco á similhança de Guilherme Tell, e devoram os filhos de vez em quando como Saturno, o que pode acontecer a quem se diz e julga homem, porque se veste de certa maneira e tem um certo feitio? A sorte que a espera a ella, é facil de advinhar. E não supponha que estou gracejando. Nos collegios, nas familias e nas casas de modas das nossas cidades, ha muitas raparigas, e bem bonitas, que nem lêem a *Histoire de France* de Anquetil ou o *Petit-Carême* de Massillon, nem fazem a deligencia por aprender o que lhes ensinam, e que prestam tanta attenção á costura ou aos vestidos e chapéos que lhes dão para fazer como ao que se passa no reino da lua; e isto porque estavam fadadas para correr os Pampas em companhia dos Gauchos, comer barro á similhança dos Ameypares ou devorar os pais quando fossem velhos como fazem os Battahs, servir na guarda de honra do rei de Dahomeh ou pintar os olhos, arrancar os cabellos e pregar estrellas de ouro na testa para apparecer ao sultão; estavam fadadas para tudo

isto ou para figurar nas festas das capitaes dos cantões, em que um dos principaes divertimentos é partirem pedras em cima da barriga das mulheres. Aquillo a que geralmente se chama nas mulheres devaneio e imaginação é simplesmente a maior parte das vezes a voz longiqua dos seus antepassados, chamando repetidamente por ellas. Todos os dias acotovelamos Pelles-Vermelhas com a tez rosada, africanas com as mãos brancas e carnudas, verdadeiras antropophagas que, como não podem comer o homem crú, se dispõem e preparam para roel-o vivo, mas á maneira de mulheres civilisadas, com o molho do casamento ou do prazer, com pratos, garfos, facas, com vasos de cristal ou de prata para enxaguar a boca depois de comer, com sacramentos e protecção legal.

Hão de responder-me, para refutar o que digo, que a educação modifica, corrige, destroe todas estas fatalidades. A educação effectivamente melhora os bons, fortifica os fracos, e já não é pouco, mas não tem poder algum sobre os elementos psychologicos de que se compõem certas individualidades humanas. Despoja-nos ás vezes das influencias más que nos cercam, influencias que por ahi confundem facilmente com as exigencias nativas depositadas em

nós por heranças implacaveis, mas nem corrige os fracos, nem os orgulhosos, nem os avaros, nem os invejosos, nem os voluptuosos; pelo contrario, fornece-lhes meios novos e engenhosos para darem maior e mais proveitoso desenvolvimento á sua fraqueza, ambição, avareza, inveja e luxuria, e frequentemente acrescenta a estes meios o de escondel-os, tornando-os d'esse modo mais perigosos para as outras pessoas: a hypocrisia. Os individuos dominados por vicios e paixões, nem com as desgraças provenientes d'esses defeitos se emendam ou curam. Um urso póde criar-se como um cão, mas nunca poderá parecer-se com elle; ha de cheirar sempre a animal feroz, suspirar pelos bosques, e será capaz, mais dia menos dia, de saltar-nos ás guellas. Todos os domadores tem sido devorados pelos animaes que querem domesticar, a despeito de todos os systemas empregados para os tornar brandos e inoffensivos. «Mas o homem não é nenhum animal feroz como o tigre, como o urso. É homem! Tem alma!» Que ha de vir a têl-a, é o que quer dizer. Por emquanto são muito poucos os homens que a tem. Quantos? Cinco por cento. Acha que é pouco? pois calculemos dez por cento. Eu acho muito, mas não importa, olhe para o que

tem á roda de si, o resto dos homens nem suspeita o que é ter alma! É que succede com certas verdades o mesmo que com certas estrellas que existem positivamente ha milhares de annos, e cuja luz é ainda invisivel para nós. Vem no caminho; estão todos á espera d'ella, e este livro é uma das cem mil lentes por onde a humanidade quer ver se a descobre nas profundidades do ether.

Entretanto, e para tratarmos unicamente do nosso assumpto, o que não é facil, porque tem relação com todas as coisas d'este mundo, entretanto, á sociedade que diz: São de templo as virgens, de lar as mães, de rua as prostitutas, responde a natureza: Enganas-te, e enganas por conseguinte os outros. Em primeiro logar tens no templo creaturas que classificas em consequencia d'um signal particular que não depende d'ellas, que já nasceram *de rua*, e que hão de lá chegar fatalmente, quer seja atravessando o lar, quer seja saltando por cima d'elle. Não haverá nada que lhes sirva de obstaculo. Tem já a prostituição no sangue. Fazes além d'isto entrar á força no lar creaturas extraordinariamente delicadas, nascidas para não sair do templo, e que tu condemnas ao homem ignorante, á grosseira realidade, á maternidade que

desfolha e mata, apezar de não terem a substancia nem os orgãos necessarios para a funcção a que as sujeitas. Parece que não sabes que assim como ha entes que ainda não tem alma, outros ha que não tem ou não tem já corpo, que córam, padecem, morrem com o contacto humano! Parece que não sabes que ha anjos na terra e que não se lhes deve cortar as azas; e, espera, estão algumas na *rua* que tu deixaste cair, e que se debatem na lama e chamam por alguem. É para saberem para a outra vez o que fazem. Toleironas! Imaginavam que Christo vem todos os dias á terra pôr as coisas em ordem, expulsar os vendilhões do templo e dizer á Magdalena que entre?

Está pois escripto, ó sociedade, que has de ser punida de tempos a tempos pela tua ignorancia das coisas; e quando — qualquer dia d'estes — surgir a insurreição, para te destruir na capital das nações civilisadas, então verás o que é o feminino indeterminado que tu tratas com tanta leviandade: como não te será possivel encaral-o, has de ver-te obrigado a fusilal-o pelas costas, entre a sua ancoreta de petroleo e o seu litro de aguardente. D'onde virão as mulheres moças, bellas, ferozes, selvagens, medonhas, mil vezes mais crueis que os

seus homens, que hão de incendiar a tua grande capital, dar a morte aos teus magistrados e sacerdotes, assassinar e mutilar os teus soldados? Naturalmente da rua, não é assim? E que lhes fazes? mandas todas para o degredo. E depois? Tratarás de instruil-as, moralisal-as. Ha já commissões instituidas para isso. Oxalá que sejas feliz!

Como por emquanto não faz mal rir, até é bom rir um pedaço, faze-me o favor de observar aquella linda creaturinha que anda no *templo* d'um lado para o outro, e olha com visivel impaciencia para a rua. Aquella tem lá as suas idéas sobre o casamento! Para ella o homem é um objecto simplesmente desprezivel, não póde todavia passar sem elle, precisa absolutamente d'um, mas não para servir-lhe de apoio e protegel-a. E fica certo que ha de encontrar, ajudada pelas suas seducções, encantos e artificios, por aquelles com que a natureza a dotou e pelos que lhe ensinou a educação. Nasceu virgem, mas porque não podia deixar de ser; é de tal raça que ainda havia de estar no seio maternal e já havia de tomar posições á imitação da impudica Manon. Se visse que podia entrar no mundo sem passar pelo templo, não pararia lá um instante; vae-se conservando emquanto lhe faz conta, mas posso

afiançar-te que não acha nada divertido o tempo que lá passa. Traz sempre a cabecinha no ar e não faz senão farejar os quatro cantos do horisonte. Se é rica, compra o masculino de que necessita; se é pobre, faz com que o masculino a compre a ella. Com paciencia e malicia tudo se consegue. Ella demais a mais está disposta a tudo. Ha de brilhar, dar pasto e prazer ás suas carnes. Apresenta-se o homem. Fidalga, da classe media ou do povo, — isso pouco importa, — tem com que attrahil-o, e serve-se bem dos seus recursos. Exhibe jovialmente as sentimentalidades preliminares, e o casamento arranja-se n'um abrir e fechar d'olhos. Passados nove mezes tem um pequeno, que herda do pae a irritação do sangue e da mãe uma mistura de coisas diversas, porém isso é lá com a Faculdade. Feito este sacrificio á natureza e á successão do nome dos dois, a mulher declara ao marido que aquillo a fatiga muito, que não quer tornar a ser mãe, por menos n'aquelles primeiros tempos. O marido não diz que não; fica tendo os prazeres da paternidade, sem os aborrecimentos que costumam acompanhal-a! Consente. O pequeno vae para o poder d'uma ama que traja á moda da Russia ou da Borgonha, e se a senhora tem nervos, fica sendo legalmente a amante do senhor. D'este mo-

do o mette debaixo das saias e debaixo dos pés. Domina-o, redul-o a nada, dissolve-o, tudo isto facilmente, e elle deprava-a na pratica, com a mesma facilidade, porque em theoria já ella tinha ficado meio depravada. Se não tem nervos foge de encontrar-se com elle, e, quando não pode esquivar-se, atura-o meio adormecida meio acordada sempre com o olho á espreita. Repete a meia voz o que elle canta em tom maior, e por fim já nem isto faz, deixa-o deitar sósinho os bofes pela bocca fóra.

Entretanto tem ella passado ao estado de mulher de sociedade, que é das metamorphoses mais grotescas e menos saudaveis porqne passa a mulher nos povos civilisados. Compra mais cabello de que comprava, pinta-se, polvilha-se, conforme a epoca e a moda, decota-se, mostra as espaduas até abaixo e o sovaco do braço. Os seios, que não serviram para alimentar o filho, servem para deleitar os olhos; todos podem namoral-os com a vista no espartilho de setim da dona, comquanto não seja permittido a ninguem tocar-lhes sequer com a ponta dos dedos. É a gamella das tentações, o mealheiro dos cumprimentos e elogios masculinos. Todos alli podem ir deitar algum, comtanto que seja menos indecente que o objecto gabado ou cumprimentado. Que ella

tambem é uma ignorante chapada, nunca pegou n'um livro, não entende nada do que ouve aos outros, e fala de tudo em termos arredondados, vasios e ôcos, perante os quaes ficam de bocca aberta os falsos homens, exactamente como as creanças diante do homem dos balões encarnados. N'este comenos passa o pequeno ou a pequena da ama para o preceptor ou aia, para o convento, ou para o collegio. Os paes vêem-o ou vêem-a uma hora por dia ou uma vez por semana. Por fim, ou porque o marido tenha o repertorio esgotado, ou porque se esquece do papel no melhor da fala ou porque não consegue arrebatar a senhora com as coisas que decorou para lhe dizer, principia ella a achar pouco interessante o melodrama e sem bastante movimento, aborrece-se do actor, e tem desejos de ver representar outros.

Então é que rompe o involucro a inevitavel catastrophe, cujo ovo a mulher tem andado a chocar até alli. Entra o galan, perna afiambrada e fazendo boquinha, para supprir o papel do protogonista. Ella começa a estudar a posição em que ha de cair ; estuda, estuda... e no fim de quinze dias cae tão bem, no meio d'uma tal confusão de seda, mosselines e rendas, que nem sente o mal que faz a si nem o que faz ao marido. Além d'isso, o galan não podia

ser mais discreto em lance d'aquella natureza, foi um perfeito cavalheiro... D'ora em diante passarão os dois a olhar-se, a escrever-se de certo modo, e o que lá vae lá vae. Em resumo, ella tem um amante. Ha cem annos seria um gentilhomem espadachim, frequentador de sitios immoraes, amigo do rei, agudo de espirito e valente, algum d'aquelles gentishomens que mandavam em Fontenoy atirar primeiro os inglezes, e punham *pós á marechala* debaixo do fogo da artilheria de Dettingen; ha sessenta annos seria talvez menos fidalgo que o gentilhomem, mas teria um peito de bronze, musculos de aço, pulsos de ferro, e passaria a nado o Eridan, o Elba, o Beresina, qualquer d'estes rios, só para não cheirar a polvora quando entrasse em casa da sua amada; ha trinta annos teria o cabello preto e a tez pallida como os tenebrosos d'esse tempo, adoraria Byron, seria o successor de Lara, padeceria do peito durante algum tempo, sonharia com a morte nos braços da amante, tão imaginaria frequentemente como a sua enfermidade, far-lhe-ia versos sentado nos bosques e durante as suas correrias pelas extensas campinas, mas acreditaria ainda em alguma coisa, ainda quando não fosse senão na duvida, e voltaria para junto da sua

Elvira, real ou imaginaria, todo impregnado do perfume das acacias e das tilias.

Hoje em dia tudo serve. Não importa que seja tolo, que não tenha musculos nem illusões. Passeia á roda do lago, frequenta os circulos elegantes, vae ao *OEil crevé*, e não é necessario mais nada. Participa do bonacheirão, do socio de banqueiro de casa de jogo, do cigano negociante de cavallos, e tressanda a *patchouli*, tabaco de fumo, vinho e esterco de cavallariça. Que quer? Vão maus os tempos; não ha coisa melhor. A senhora todavia enfastia-se do mesmo modo: não era isto o que ella queria. Nem ao menos tem a effectividade do conjugal, e é muito mais incommodo. E depois de ter trazido o peralvilho algum tempo atraz de si, de tel-o obrigado a ir para as Caldas cujas aguas foram receitadas pelos medicos ao marido, manda-o de presente ao corpo de baile da Opera ou das Folies onde elle conta que teve *fulana* e que a deixou por ser muito magra.

Emquanto á *fulana*, ou a sensação se lhe tornou indispensavel e necessita descobril-a, ou não a conhece ainda e necessita procural-a. É quando toma o segundo. Oh! este segundo vale um poema! Obriga-a a incommodar-se mais alguma coisa, mas

ella ao menos estará á sua vontade. Irá a casa d'elle, ou irão ambos a um hotel ou a casa d'algum amigo, para estarem mais socegados. Depois este foi muito mais bem escolhido; viram-o nas caçadas do outomno andar dez horas a cavallo e dansar toda a noite até pela manhã. Traz sempre as orelhas escarlates, o pescoço parece que anda atarrachado aos hombros e é muito barbudo. Adeus templo, adeus lar! Eram simplesmente estações para chegar á rua. Eis-te *de rua*, ó mulher, e se não és socialmente egual ás que se pavoneiam por ahi a pé e de carruagem, moralmente por menos és. Ao segundo amante que tem, a mulher casada já não cede a uma vertigem involuntaria, erra porque quer. Não se pode chamar amor ao que ella experimenta, decentemente o menos que se pode dizer que ella faz é commercio de amor; bem averiguado, é a libertinagem submettida, com conhecimento de causa e reincidencia, a divisões e precauções ignobeis, sob pena de escandalo, aborto ou infanticidio.

E está acabado! (não pode haver coisa mais triste) ahi vae o nome da esposa, da mãe saltar de boca em boca como o passaro de ramo em ramo. Ás vezes engana-se na arvore e vae cair, com o bico aberto, mesmo nos ouvidos do marido, apesar das

diligencias feitas para tapal-os. A maior parte das vezes o marido admira-se, desespera-se, arranca os cabellos, mas calla-se. Tem os braços presos; o filho está já um homemsinho, depois ha certas considerações, resultadas da educação; nada, o calado é o melhor. Não pode todavia conformar-se com similhante coisa, o toleirão. Vem ás vezes uma apoplexia e manda-o para a outra vida. Pois se elle julgou que era amado ainda como no primeiro dia! Quasi todos os dias ella lhe dava provas d'isso, ainda na vespera!... Podia lá alguem imaginar uma coisa assim! A mulher curva a cabeça, chora, promette e torna á mesma. E pensar que se o marido no dia immediato ao casamento, á mais pequena infracção attentatoria do lar propriamente dito, lhe tem administrado a correcção reclamada pelos seus instinctos de selvagem ou de saltimbanco, ella teria dito: «É realmente um homem! e havia de adoral-o. De que está ás vezes dependente a felicidade d'uma familia!

Porém o marido que não teve este relampago de genio, e que, ao contrario de Rachel, o que quer é que o consolem da immerecida desgraça de que é victima, porque não tem nada de que accusar-se; o marido que contraíu habitos que já não póde mo-

dificar (e disse á mulher que ficava tudo acabado entre ella e elle), o marido faz uma viagem, emprega os maiores esforços para distrair-se, e encontra finalmente Clorinda ou Paméla, que lhe conta a sua historia e a quem elle conta a sua desgraça; ella enternece-o, elle lastima não tel-a encontrado mais cedo, quando era livre. Talvez a tivesse recebido por esposa! Era a mulher com quem elle sonhava. E para provar isto deixa-lhe em casa parte do dote do filho, que é outro idiota, e que Paméla se encarrega de começar a explorar emquanto acaba de explorar o pae. Este ensaia-se na politica departamental, mas vê logo que não é coisa d'onde possa tirar proveito. Como as pernas não vão já senão até onde ellas querem, toma alguns aphrodisiacos; assim se vae mirrando, paralysando, extinguindo até que morre.

Sua mulher continua... a ser mulher de sociedade, casa em segundas nupcias e faz-se devota.

Porém todos esses quadros são extraidos das classes superiores. «Responderei, meu caro senhor, que quando são ellas que dão o exemplo, este encontra logo quem o imite nas classes inferiores. Quando vir vinho no gargalo da garrafa tenha a certeza de que o ha no fundo.

O desenlace indicado por mim é o desenlace ordinario, feliz, no qual tudo se arranja exactamente como no theatro; todavia ás vezes acabam as coisas peior, e pode acontecer que o sr. de Framboisy se zangue, seja mal educado, se separe, leve o negocio aos tribunaes, ou tire para fora o espadagão, dê a morte ao galan ou á dama, ou a ambos, ou a si mesmo tambem, tem succedido já. Por isso vemos ás vezes catastrophes como a que sobresaltou recentemente a capital, a qual, á similhança de todas as capitaes, o que procura no meio de todas estas aventuras são commoções fortes, frequentes e que durem pouco. Por isso as discussões não tem conto nem fim as theorias, e uns tomam o partido das mulheres, outros o dos homens. Geralmente todos tomam o partido das primeiras. É tão bom quando ellas peccam! Além d'isso é coisa que não deve fazer-se matar a mulher, entesinho sem defesa e que precisa de vestidos. A proposito d'isto fazem-se artigos pequenos como o seu, meu caro senhor, e escrevem-se cartas extensas como esta, o que não serve absolutamente de nada; e põem-se na tela da discussão, pela millessima vez, estas duas questões: Educação da mulher e Divorcio.

Dizem os *feministas*, desculpem o neologismo, e com excellente intenção:

Todo o mal provém de não quererem confessar que a mulher é egual ao homem e que deve dar-se-lhe a mesma educação e os mesmos direitos que se conferem a elle; o homem abusa da sua força, etc., etc. Sabem o resto. Tomaremos a liberdade de responder aos feministas que não tem senso nenhum o que elles dizem. A mulher em valor não é igual, nem superior nem inferior ao homem, tem outro genero de valor, assim como tem forma differente e differentes funcções. A prova que não é tão forte como o homem é que está sempre a queixar-se d'elle ser mais forte que ella; ora se a natureza deu ao homem a força, foi para elle se servir d'ella, como tem obrigação de servir-se de todos os dons que recebeu para poder executar a obra de que está encarregado. Uma das primeiras coisas em que o masculino fez uso da sua força foi encerrar e subordinar o mais possivel o feminino, do qual necessita em certos casos, por ver que elle lhe custa caro quando se acha em liberdade, mesmo que seja n'um paraiso. Vemos, por outro lado, as armas com que a natureza dotou o feminino para poder conquistar pelos costumes o que lhe é recusado pelas leis. Por isso *os*

homens fortes que fundaram as sociedades entenderam dever sujeitar as mulheres a uma legislação especial em razão da funcção particular, e, deve dizer-se, inferior a que já as tinha condemnado a natureza. Era necessario harmonisar o mais possivel aquella lei com aquella funcção; foi o que fizeram os homens, em conformidade dos conhecimentos que tinham sobre aquelle ente particular, e quer-me parecer que não se equivocaram, porque em toda a parte vemos que as mulheres mais respeitadas, de maior valor e mais felizes são aquellas que acceitam lealmente a harmonia legal da natureza e da sociedade. Não se queixam nem se insurgem contra ella. Por conseguinte a mulher não é como é em consequencia da educação que lhe damos, nós é que lhe damos essa educação por ella ser como é; e quando tem a pretenção de julgar-se capaz de promulgar leis, commandar exercitos e conduzir locomotivas, é tão ridicula como seria o sexo forte se quizesse usar cuia, mostrar os hombros e amamentar crianças. O resultado da reunião das duas naturezas n'uma só seria o hermaphrodismo, que é a impotencia tanto do macho como da femea. Todos nós temos alguma funcção a exercer, e exercemol-a como conservamos a forma que nos é par-

ticular, o amor n'um momento funde as formas e extrae d'essa fusão o resultado de que Deus carece: a criança; depois do que torna cada qual ao exercicio das suas funcções especiaes, sem que por isso todavia fique sendo indifferente ao destino commum a ambos. É evidente que ha homens que abusam da fraqueza das mulheres, assim como ha mulheres que abusam da toleima dos homens. Depende isto do valor dos individuos, e não do valor das especies. Deus omnipotente, o homem como mediador, como auxiliar a mulher, e ahi está completo o triangulo. O homem não pode nada sem Deus, não pode nada sem o homem a mulher, esta é a verdade eterna, absoluta, immutavel. O que é necessario portanto modificar não é a educação da mulher, é a do homem. Quando o homem souber a razão porque vem a este mundo, ha de a mulher comprehender immediatamente porque é que deve sujeitar-se a elle. Não ha por conseguinte necessidade de dar á mulher maior somma de liberdade e direitos, se tivesse mais dos que tem constituir-se-ia logo adversaria legal e social do homem, e d'esta luta quem sairia vencedor seria o homem, por ser ente de força; o que é necessario é ensinar ao homem, e, no caso d'elle não querer, impor-lhe os deveres que tem para com

a mulher. Na sua qualidade de ente de forma, nascido para se subordinar ao homem e ajudal-o, a mulher tem o direito, mas direito imprescriptivel, de pedir ao homem, ente de mediação, iniciativa e movimento, que a inicie no que Deus lhe diz a elle, lhe dê o valor terrestre que realmente tem e a associe ao seu eterno destino. Não cumprinde o homem os seus deveres, como ha de impol-os á mulher? Esta, em vez de tomal-o por chefe, consideral-o-ha como inimigo, e vingar-se-ha d'elle, *individualmente*, por todos os meios possiveis, e elle não terá nunca direito de queixar-se. Ficará sabendo onde ella pode leval-o, já que não soube dirigil-a.

Se depois de encontrados os meios proprios para prevenir as catastrophes conjugaes passamos a procurar os que podem reparal-as, encontramos naturalmente o divorcio.

Ha uma multidão de casos, no estado actual da sociedade, em que o divorcio é para assim dizer indispensavel, e vale mais introduzil-o na lei que vermo-nos obrigados a admittir nos costumes o homicidio. Tem a grande vantagem, entre outras, de libertar inteiramente os interesses e as pessoas, reduzir a nada os valores moraes falsos e restituir aos verdadeiros a sua taxa, circulação e fecundi-

dade. Mais ainda: supprime uma das causas do adulterio, e, em todo o caso, a unica desculpa que tem. Estabelecido o divorcio, acabou-se o laço eterno entre as incompatibilidades de genio, e isto que dizem as mulheres: «Tomei um amante porque meu marido atraiçoava-me, gastava-me tudo, batia-me, explorava-me, não queria saber de mim,» este argumento da mulher adultera fallece de inanição ou de inutilidade.

Temos fallado só do adulterio feminino e póde parecer que a nossa opinião é que todo o mal provém das mulheres. Longe de nós este pensamento. De cem mulheres más, ha oitenta que o são por culpa dos maridos, que em primeiro logar não as escolheram bem, e que desviaram do seu verdadeiro objecto a admiravel instituição do casamento, cujas bellezas e alegrias foram incapazes de fazer comprehender á mulher; todavia deve tambem dizer-se uma cousa, e é que o adulterio do homem nunca tem a importancia, nunca póde ter todas as consequencias do da mulher. No casamento realmente tudo é vantagem para a mulher, e por isso a lei, depois de armar o masculino com os famosos direitos preventivos de que as mulheres se queixam tanto e por mercê dos quaes podem tomar ares de

victima diante dos individuos sensiveis ou que não as conhecem a fundo, por isso a lei absolve no homem em caso de flagrante delicto, todos os excessos da colera, que absolveria tambem na mulher.

São com pequena differença as mesmas em toda a parte as precauções que o homem entendeu dever tomar: gyneceo, harem, convento, certos artigos do Codigo, certos regulamentos para os costumes e a deshonra para as que não querem sujeitar-se ás suas determinaçõs. É porque no casamento, repetimol-o, constituido leal e regularmente, tudo é vantagem para as mulheres. Vejam o que ellas lá encontram além da realisação dos votos naturaes! Liberdade de ver isto, saber aquillo, ir aqui e acolá, que não tinham emquanto eram solteiras; mudam de nome, de sorte que quando faltam aos deveres conjugaes não é a familia nem mesmo ellas que ficam cobertas de ridiculo ou infamadas, é o marido, e emquanto este não diz nada, tambem nada diz o mundo. O unico responsavel é elle, e tanto assim é que, quando vem a descobrir alguma cousa, vê-se obrigado a arriscar a vida por causa da culpa da mulher, ou a levar o caso aos tribunaes onde toda a gente se ri d'elle mesmo nas suas bar-

bas. Em compensação a mulher atraiçoada nunca é ridicula, acha sempre quem tenha dó d'ella, e quando perdoa sem tirar vingança todos gabam o heroismo. Se depois... ou antes se vinga, póde impôr legalmente ao marido, com alguma precaução, com a simples prova de que nasceram em casa, os filhos concebidos fóra do casamento. Por mais malicia que tenha o homem, ainda que fossem os srs. de Talleyrand e de Bismark juntos, a reciprocidade é absolutamente impossivel. O filho feito por elle fóra de casa fóra de casa fica, o que era chistosamente resumido por uma princeza de que me não lembra já o nome, quando dizia para o nobre esposo: «Eu posso fazer principes sem vossa alteza, vossa alteza é que não póde fazel-os sem mim.»

Esta consideravel, inaudita e injusta vantagem é que obriga a lei a absolver a morte em flagrante delicto de adulterio; e ainda assim é preciso que o flagrante delicto seja na casa conjugal, e que o marido o descubra sem estar prevenido. N'este caso, o marido que surprehende sua mulher na posição reservada só para o casamento e a mata tem o direito de dizer aos juizes: «Não matei esta criatura só por colera, ciume, orgulho e amor; matei-a para suffocar o germen da criança que ella queria im-

por á minha confiança e affeição, ás minhas caricias, ao meu trabalho, aos meus legitimos filhos, ao meu nome e a toda a posteridade d'elle.» E a justiça humana vê-se obrigada a calar-se. Não seria melhor auctorisar, exigir o divorcio, quando se désse uma circumstancia d'estas ou qualquer outra indicada pela lei? O marido poderia ir na companhia de um magistrado verificar o delicto, e verificado elle, dizia á lei, não sem colera, mas por menos sem matar ninguem: «Está aqui uma mulher que me não ama, que gosta d'aquelle senhor em fralda de camisa que ali vêem, e que é amada por elle, uma vez que se preparavam para dar a vida ou promettel-a a outro individuo no qual hão de reviver, e que provavelmente hão de tambem amar. Portanto, rogo á lei que me livre d'ella e que a livre a ella de mim. Assim poderá casar com aquelle senhor, e legitimarem ambos o pequeno; é melhor isto que ser obrigado a matar todos tres, incluindo o referido germen, que, na qualidade de filho do amor, talvez venha a ser um grande homem como d'Alembert ou o formoso Dunois.»

Faz isto a separação? Não; separa, mais nada, não liberta. Não rompe a cadeia, fal-a mais extensa e mais pesada por conseguinte. Agrilhoa de

longe, mas para sempre, o innocente ao erro do culpado, supprime-lhe a sua metade e não lhe permitte outra. Condemna ambos, culpado e victima, ás mesmas penas, ao celibato e á esterilidade, e quando não cumprem a sentença, — salvo se trazem sempre na algibeira o *Ensaio sobre o principio de população de Malthus*, — condemna os filhos que nascerem d'um ou d'outro, e esses é que não tem culpa nenhuma, áquelle: *pae e mãe incognitos*, que serão talvez a vergonha e o desgosto de toda a sua vida. São estas algumas das razões, excellentes razões que dão os partidarios do divorcio, aos quaes respondem do seguinte modo os adversarios:

«Em primeiro logar, negamos que o casamento seja só a união de dois interesses, de duas fantasias, que seja mesmo só a união de dois amores: é a alliança, a communhão eterna de duas almas, e eis a rasão porque é e deve ser indissoluvel. Por conseguinte é o acto mais grave da vida, porque ficamos eternamente presos, no ceo pelo juramento, pela descendencia e herança na terra. Por isso é permittido até á ultima hora dizer: Não. Como o casamento não é de obrigação, todos podem informarse, reflectir, e ninguem lhes dirá nada se ficarem re-

flectindo toda a sua vida; mas tambem em dizendo: Sim, acabou-se tudo. Só a morte póde restituir a palavra dada. Se houve engano, tanto peor. O mais que podemos fazer é separar as pessoas e supprimir a solidariedade conjugal para os effeitos civis, e isto só em certos e determinados casos. Por conseguinte, quem se casar que case bem, ou não se casem então.

«Os filhos que podem nascer depois da separação, ou sejam do homem ou sejam da mulher, nem podemos prevel-os nem garantil-os, só queremos saber dos que estão autorisados por nós, dos que nasceram do legitimo matrimonio. Não conhecemos mais nenhuns. O que seria d'elles com o divorcio, ficando pae e mãe em absoluta liberdade? Qual dos dois se havia de encarregar dos filhos? A qual dos dois haviamos nós de impol-os? Ao mais honesto? Mas se o mais honesto não tem de que viver? Ao mais abastado, então? Mas se o mais abastado é exactamente dos dois o mais immoral? Ha de o Estado encarregar-se das crianças tirando dos bens dos divorciados com que prover á educação d'elles? E se ambos os divorciados forem pobres? Arranjará tudo o amor paternal ou maternal? Como todos os grandes sentimentos, exige elle grande perseverança

e grandes sacrificios; é extremamente raro, o amor paternal especialmente; como se explicaria, não sendo assim, o 30 p. 100 de filhos naturaes, não contando os casos de esterilidade voluntaria, os abortos e os infanticidios ignorados, e o 80 p. 100 de mortalidade nas crianças de leite confiadas ás primeiras amas que apparecem, e que as levam para as suas aldeias, onde tanto caldo de farinha lhes mettem no estomago que os innocentes tomam a resolução de morrer, como se tivessem entendimento para perceber que é o melhor. Não ha duvida que existe o amor paternal e maternal, e que tem merecimentos divinos; não ha porém tanto como se julga, e especialmente como se diz. Sabe isto perfeitamente a natureza, e foi por isto sem duvida que criou os encargos depois e o prazer antes. A julgar pela quantidade de criaturas que desejam o prazer sem os encargos, quantas haveria que acceitassem os encargos sem o prazer ou só com a probabilidade das alegrias familiares? Acreditam que o homem e a mulher que se entregam ao amor sem primeiro um dar ao outro a prova de estima chamada casamento, acreditam que esse homem essa mulher, que correm o risco de dar vida a uma criatura que não terá pae nem mãe legitimos e responsaveis, possam ter em si

o sentimento paternal e maternal? Acreditam que esse homem e essa mulher, que se casam por calculo, ou porque se offerece a occasião, ou porque é costume, ou mesmo por amor, possam pensar no filho resultado natural do casamento, e que é mais uma consequencia que um fim, quando não é o meio de garantir interesses e realisar combinações? Acreditam finalmente que esse homem, que deserta do lar conjugal para tentar fortuna, e que essa mulher, que dá o filho a guardar á visinha ou á criada para ir á noite a sitios suspeitos, possam ter grande amor aos filhos? Não, não. A humanidade é capaz de bons sentimentos; porém a maior parte das vezes é necessario obrigal-a a tel-os, e se certos deveres não fossem impostos, deixaria facilmente de cumpril-os, mesmo tratando-se d'aquelles que mais orgulhosa a fazem. Um dos nossos ultimos meios de moralisação é o casamento. Não lhe tiremos importancia. Quanto mais os homens e as mulheres virem que é um acto irrevogavel, mais se habituarão a fazel-o seriamente.»

Tudo isto é verdade, e comprehende-se quando é dito pela Egreja. Ella não o pode nem deve admittir o divorcio, sendo como é para ella o casamento a união das almas, salvo todavia o caso de

adulterio previsto na lei de Moysés e explicitamente reservado por Jesus (Cap. v, vers. 32, Evangelho de S. Matheus) ; mas onde não podemos admittir esta implacavel linguagem é na bocca da lei secular, e a lei secular é que impera em França, uma vez que sem ella não tem valor nenhum o casamento religioso. Ora a lei secular não quer saber senão dos interesses sociaes e terrestres que está encarregada ou, para melhor dizer, se encarregou de manter em equilibrio entre os deveres e os direitos do homem. O casamento para ella é em resumo um simples contracto como qualquer outro, contracto synallagmatico em virtude do qual ficam ligadas egual e mutuamente ambas as partes, e que ella tem por dever rescindir quando uma prova que a outra não cumpre as obrigações estipuladas. Invoca sempre a lei a questão dos filhos que são consequencia do contracto e cuja intervenção dá caracter particularissimo a este. Mas quando não ha filhos? Não tem valor o argumento n'esse caso. E quando o filho é justamente a prova e a verificação do delicto?

Temos aqui um homem honradissimo e laborioso (não estabeleço hypotheses, cito factos e factos conhecidos de todos), esse homem vê uma menina pertencente a uma familia illustre e geralmente

estimada, segundo todos dizem. Agrada-lhe, pede a sua mão e casa com ella. A donzella estava gravida de dois mezes, por ter tido relações com um lacaio. Aquella honestissima familia, que sabia isto, tinha atirado legalmente a sua progenitura e descendencia para cima das costas d'um homem honrado que dá credito á palavra d'honra dos paes e das mães. Dirige-se á lei o homem assim infamado, e a lei responde-lhe: «Recusarás reconhecer por teu o filho de que tua mulher está gravida, e separar-te-hemos d'essa indigna creatura. — Então posso casar com outra? — Não, não podes tornar a casar-te emquanto ella for viva. — E se eu morrer antes d'ella? — Não tornas a casar-te, está claro. — E se eu gostar d'alguma mulher, se tiver filhos d'ella e quizer dar-lhes o meu nome? — Não pódes. — Mas eu não fiz mal nenhum. — Peor para ti. — É abominavel. — É como tu vês.»

Temos agora uma menina honestissima que trava conhecimento na sociedade em que vive com um homem a quem ninguem tem nada que dizer. Esse homem é admittido a fazer-lhe a côrte, e ella acceita-o para marido. Assigna-se o contrato, faz-se o casamento. Uma hora depois de sairem da egreja, antes de acabar o jantar, sae o noivo e ninguem

mais o vê. Leva o dote e deixa a mulher virgem e pobre. Dirige-se esta á lei, e a lei responde-lhe: «Casou com um ladrão, é verdade.—Então restitua-me a minha liberdade. —Não posso. —Que devo fazer?—Esperar.—O que?—Que elle volte.—E se não voltar?—Esperar que elle morra.—E se não morrer, e eu amar outro homem?—Ficará deshonrada.—E se tiver filhos, porque eu nasci para ser mãe?—Serão bastardos.—É abominavel, porque eu no fim de contas estou innocente.—É como vê.

Todavia, poderia accrescentar a lei, para os incendiarios, assassinos e parricidas temos encontrado circumstancias attenuantes, e quando elles se comportam bem, costumamos, por occasião de certos anniversarios, restituir-lhes a liberdade.

—Completa liberdade?

—Completa.

Francamente, o marido enganado assim pela familia da propria mulher, a mulher abandonada e roubada d'aquelle modo pelo maroto do marido tem carradas de razão: é abominavel!

Emquanto escrevo esta carta está começando a julgar-se no tribunal de 1.ª instancia do Sena o processo do sr. Dubourg. Foi este acontecimento, meu

caro sr., que deu logar á sua carta e a esta resposta? Quer que peguemos no libello, que o dobremos em quatro, que o enrolemos á roda de uma varinha de aveleira e o atemos com uma fitinha preta, e que o deixemos n'este sitio do nosso discurso como um signal para sabermos onde ficámos finda a digressão que vamos fazer? É que vamos dar um passeio extenso, até ao paraiso terreal. Não se ria, que é serio, mas não se assuste tambem, a digressão não será tão longa nem tão fastidiosa como poderia suppor-se.

Partamos.

Todos nós acceitamos a Biblia, não é assim? Para a sciencia não é irrefutavel como tradição historica, mas é de todos o livro que sobe mais alto, é unico, e como tradição moral, religiosa, divina e funccional do homem e da mulher, não o ha mais completo. Na qualidade de homem, recorro ás fontes consagradas e acceitas pelo homem.

Forma Deus o homem d'uma porção de barro e insufla-lhe a alma, reunindo no mesmo corpo a fórma masculina e a feminina, isto é dotando o homem de intelligencia e sentimento ao mesmo tem-

po. D'elle hão de nascer indistinctamente homens e mulheres. Depois dá-lhe ordem para crescer e multiplicar-se. De maneira que o homem fica fazendo parte da creação, uma e directa, directamente correlativo ao seu creador em fórma, espirito e destino. Deus cria o homem evidentemente porque necessita, para fins que não diz ainda, d'um intermediario entre o seu poder e a terra recentemente creada. Vê porém que o homem só por si não basta, e diz pela primeira vez, depois do principio do mundo : «*Isto ainda não é bom. O homem não pode estar só; vou dar-lhe uma companheira similhante a elle.*»

Portanto Deus separa a femea do macho, e extrae, não da terra, senão da propria substancia do homem, uma nova effigie humana, que é a mulher. A tendencia perpetua d'estes dois entes, nascidos um do outro, ha de ser constituirem uma só e mesma pessoa e convergirem para um só e mesmo fim.

A mulher todavia, não obstante ter forma mais bella e ser de materia mais fina que o homem, por ter sido tirada da que tinha passado já pelas mãos de Deus, é de origem menos elevada, por não ter recebido o sopro divino, por participar só do que Adão recebeu, e por ter sido evocada simplesmente como auxiliar e complemento. É por conseguinte de cria-

ção secundaria e o homem anteriormente criado fica entre ella e o criador. Deus não lhe deu a ella o Eden e os animaes, não a encarregou a ella de crescer e multiplicar-se; não lhe prohibiu a ella que comesse do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. É um ente sem poder, nem movimento proprio, nem responsabilidade. Existe, espera, collocada entre os tres termos dos quaes procede: Deus, o homem e a terra. D'estes tres qual é o que vae utilisar-se d'ella?

Entra em scena a serpente. A serpente representa o mais tenebroso e infimo que ha na terra d'onde sae. É o instincto, a animalidade. E todavia vae degradar a mulher em nome do ideal, porque sabe que ella está animada de parte do sopro divino que entrou no homem. Aconselha-lhe que faça comer ao homem o fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, isto é que se apodere do divino que já ambos tem em si, mas em pequenas doses, que d'este modo se igualem ao Deus total de que emanam, elle por inspiração primitiva, por ulterior reflexão ella.

Ora como Deus, repetimol-o, não lhe prohibiu pessoalmente a ella que comesse o fructo que a serpente lhe diz que arranque da arvore da scien-

cia do bem e do mal, fica ella com o direito de dizer pela primeira vez o que tantas outras mulheres hão de repetir atravez dos seculos, quando forem reprehendidas por commetter algum erro: «Eu não sabia.» De modo que quando Deus tiver conhecimento do peccado, o homem ha de accusar a mulher que lhe levou o fructo e a mulher ha de accusar a serpente que lh'o mostrou.

Qual é o primeiro effeito da sciencia do bem e do mal por elles adquirida? O primeiro effeito é iniciar as duas primeiras criaturas no segredo da criação humana, que Deus não lhe tinha revelado ainda, porque quando dividiu Adão em dois, estava elle dormindo e não tomou por isso a menor parte consciente n'aquella evocação da sua carne. É por conseguinte subitamente revelado a ambos o segredo de procriação, que Deus só tencionava revelar-lhes quando julgasse chegada a opportunidade de o fazer, e immediatamente corre nas veias do homem e da mulher o desejo de usar d'aquelle divino previlegio. Por isso elles, quando Deus os chamou, *viram que estavam nús e tinham fórmas differentes;* cingiram com folhas as partes do corpo que denunciavam, sem elles quererem, a tentação a que não podiam resistir e a tentativa que iam por em pratica. Porque o crime da re-

producção voluntaria que é o homem invadindo as prerogativas divinas, não foi ainda commettido, e só o será depois da saida do Eden. Até esse momento ha apenas desobediencia e desejo.

É o bastante. Desacatadas as supremas ordens, Deus condemna a serpente a arrastar-se eternamente sobre a face da terra, impõe á mulher as dôres do parto, isto é a obrigação de pôr os entes em estado de funccionar e inflinge ao homem as fadigas do trabalho, isto é a obrigação de pôr em estado de funccionar todas as coisas. Feito isto, Deus expulsa Adão do Eden. (Deve consignar-se porque é gravissimo e importante.) Porque? Por ter comido do fructo prohibido? Não; essa rasão é secundaria. A principal *é por ter prestado attenção á voz da mulher.* Por outras palavras, a unica voz a que deve prestar attenção o homem é á voz que vem de cima, á voz de Deus, unica pessoa a quem elle deve obediencia; todas as outras vozes hão de ser necessariamente de entes que descendem ou dependem d'elle, inferiores a elle por consequencia, e as vozes que sairem de baixo, sejam quaes forem as promessas que fizerem, só poderão dirigir-se á parte inferior do seu ser, á que elle instinctivamente escondeu porque o fazia parecer com os irracionaes.

Expulso o homem, leva comsigo a mulher com-

panheira sem a qual já não póde passar e que é a carne da sua carne e o osso dos seus ossos. Leva tirado da sciencia do bem e do mal o segredo da criação ou, para melhor dizer, da procriação humana. Não leva a vida eterna, porque não teve tempo de tocar na arvore da vida. Está fadado para morrer, mas ha de reproduzir-se.

A especie encontra a eternidade perdida pelo individuo. É substituido o homem pela humanidade.

Temos Adão e Eva fóra do Eden, em face da terra immensa, deserta, inculta e hostil. Pela primeira vez, e a Biblia é muito explicita a este respeito, vão servir-se em maxima liberdade do segredo que lhes foi revelado pela arvore da sciencia do bem e do mal; pela primeira vez, distante das vistas de Deus, Adão conhece Eva, segundo a expressão do livro sagrado.

O primeiro ente nascido de Adão e Eva é Caim, o filho da desobediencia, da tentação, da perturbação, da curiosidade.

Começa a herança physiologica; e todavia Eva, apesar de lhe ser attribuida parte da sciencia do bem e do mal, não tem presentimento algum, porque ao dar Caim á luz exclama: «Tenho um homem por graça do Eterno.»

A mulher, a segunda mulher, a mulher *de lar* descripta anteriormmente, está toda n'este dito. Depois de seduzir o homem, de ter concebido por graça d'elle, mal é mãe, a sua primeira aspiração, porque vê terminada a sua funcção terrestre, é desembaraçar-se do macho, intermediario que ella já não considera senão como instrumento e accessorio, e depois de servir-se da sua carne e do seu sangue para a formação do primeiro ente, a sua tendencia é para collocar-se, passando por cima da criação hierarchica anterior, no proprio principio de todas as coisas, em effeito commum com Deus. Deduz-se d'isto que a luta do masculino e do feminino dura desde o principio tradicional, physiologico e psychologico do mundo.

D'alli em diante, está determinada e conhecida a mulher mãe. Solicitada simultaneamente nas entranhas pela animalidade, pela idealidade no coração e no espirito pela curiosidade, chama o homem, recebe-o em forma, guarda-o em essencia, dá-lhe em troca uma sensação de que ella participa mais ou menos e no fim da qual o despede, e sobe até ao seu Deus, extrahe, supprime o intermediario até novo appello da natureza e declara-se finalmente superior ao homem pela forma, pelo sentimento, pela funcção que exerce, pela utilidade que tem, e, deve dizer-

se, pelo amor servil do homem á sensação que encontra n'ella. Assim é a mãe, ou dê á luz Caim ou dê á luz Abel assim é a verdadeira mãe, assim são nossas mães quando as invoca o amor e o respeito de seus filhos. N'essas occasiões nós mesmos as imaginamos isoladas até do homem que é nosso pae, e considerariamos um sacrilegio imaginal-as cumplices do facto ao qual devemos a vida. Cercamol-as d'um mysterio no qual ellas effectivamente tem direito de julgar e dizer que estão em relação directa com Deus, porque a presença do homem dura apenas um minuto. Mais ainda; no homem não ha nada que advirta da paternidade. A mulher é que recebe a primeira noticia por meio d'uma communicação secreta e intima da natureza, e ella é que a dá ao homem, convertido então em ente passivo. Admiravel evolução do germen creador depositado por Deus, transmittido pelo homem, recolhido pela mulher, restituido por ella ao mundo externo sob a sua forma planetaria, até que Deus torne a recebel-o no meio das suas harmonias eternas, depois d'aquella ultima metamorphose a que chamamos morte, novo germen para um estado novo! E durante esta evolução, aquelle germen, invisivel á vista, creou não só o filho macho ou femea, como a mãe, o pae, o ho-

mem, a vida, o pensamento, o movimento, o amor, o bem e o mal. Registemos e admiremos estas coisas, meu caro senhor, é o melhor que podemos fazer.

O homem por conseguinte necessita de reconquistar: o Eden que perdeu por causa da mulher, a mulher que se esconde d'elle por traz da maternidade, o filho que lhe é subtrahido pela mãe. Por meio d'esta triple conquista moral é que elle ha de affirmar-se macho, constituir-se pae, pôr todas as coisas no seu logar, conforme os designios providenciaes, e mostrar o que é, mediador consciente entre Deus seu Creador e a Creação, que lhe está sujeita.

O Senhor que tinha fundado leis naturaes que tencionava ensinar a Adão, se este não trahisse os seus deveres para com elle, leis que o homem por consequencia é obrigado a aprender a uma por uma,— e sem auxilio da mulher,— o Senhor puniu immediatamente a culpa e o orgulho de Eva com uma das referidas leis. O filho que ella julgava ter tido por graça do Senhor é amaldiçoado pelo proprio Senhor. Primeiro producto da dupla tentação e do duplo erro de seu pae e sua mãe, Caim ha de vir forçosamente a ser criminoso. Estabelecem-se as fatalidades hereditarias. O dogma do peccado original não é nem mais

nem menos que uma lei physiologica. Caim matou Abel, em cujo nascimento não teve parte alguma a serpente. O ente de instincto mata o ente de ideal, que é recolhido pelo Senhor no seu seio e vae ser restituido á terra com o nome de Seth. Então poderá Eva dizer: «Tenho um homem por graça do Senhor», mas já não terá a necessaria ousadia. Desconfia de si; está obediente, d'aqui por diante é que ella fica sendo verdadeiramente a mãe dos filhos de Deus.

Caim sae da primeira familia, marcado com um signal; depois de andar vagabundeando, chega ao paiz de Nod. Onde fica este paiz? Nunca ninguem foi capaz de dizel-o. Caim conhece ahi sua mulher. Mas que mulher é essa? Ninguem sabe; biblicamente, na terra não ha mais que uma mulher: Eva. Que significa então encontrar Caim uma mulher no paiz de Nod? Quer isto dizer que elle está no que não é, e que fecunda o que não deve ser? Que humanidade é essa, anonyma, mysteriosa, fóra da lei, na qual Caim e os seus descendentes encontram as femeas de que necessitam para perpetuar as tradições do mal? Ou desobedeceriam os animaes, tal qual como o homem e a mulher? Comeriam da *herva do bem e do mal*, e intentando elles tambem crear o que lhes estava prohibido, dariam nascimento áquellas figuras d'homens

chamadas macacos? Caim, o assassino, o maldito, o fugitivo, o primeiro homem que sujou as mãos em sangue, contentar-se-hia com uma macaca para o seu primeiro amor, provavelmente tão monstruoso como o seu primeiro odio, fazendo predominar no cruzamento o que tem ainda de homem, o que o seu typo de ente superior não pode perder? Porque, no fim de contas, Caim descende do que descende de Deus. É por tanto possivel que chegado ao seu ponto culminante o germen da humanidade effectiva que elle deposita e na impossibilidade de se elevar mais por si mesmo, aperfeiçõe os entes subsequentes e lhes dê todas as apparencias do typo mais elevado, menos a alma, que aquelle gerador maldito não tem, e não pode por conseguinte transmittir. Ficaria resultando d'aqui a humanidade meramente animal, tendo por mãe a macaca, da qual querem descender certos sabios modernos, ao passo que nós, que somos de differente parecer, descenderiamos naturalmente de Eva. É possivel. O certo é que os antropomorphos são tantos em pouco tempo que cobrem inteiramente a terra, e chegam a dar productos tão bellos, physicamente fallando, que alguns filhos de homens se deixam seduzir pelas filhas d'elles, macacas aperfeiçoadas. Este cruzamento pode ter por consequencia a inferioridade dos filhos de Deus

e a superioridade da descendencia de Caim. Para proteger os seus, o Senhor abre as cataractas do ceo e afoga todos os homens e todas as mulheres, exceptuando Noé, os seus tres filhos e as suas tres noras, que ficam constituindo na arca, outro Eden, mas este fluctuando por cima das aguas vingadoras, a primeira, verdadeira e unica familia consentida por Deus, que escolhe tambem os animaes que devem viver eternamente sujeitos a ella. E como o que uma vez foi jámais pode deixar de ser, ou debaixo d'uma forma ou debaixo d'outra, o germen de Caim vae reapparcer em Cham, que ha de ultrajar seu pae, e fazer com que o amaldiçõem e expulsem tambem. D'elle ha de descender a raça que mais ha de custar a congregar, mesmo depois de Japhet, pae da joven Europa, attrahido a pouco e pouco por Deus, ter estanceado nos tabernaculos de Sem, — a velha Asia, que vae desfallecendo de dia para dia.

D'aqui por diante Deus, que prometteu não tornar a matar todos os homens ao mesmo tempo, limita-se a proteger e instruir o seu grupo de eleitos. Os patriarchas fundam a familia humana em bases definitivas, que ninguem poderá modificar sem perigo para si, para os seus e para os outros; vem os mandamentos de Moysés, que hão de ser os alicerces inabalaveis

da sabedoria, da moral, n'uma palavra da consciencia, que é o Eden interior do homem, e estabelecem a tradição do homem por Deus, com Deus e em Deus. Á roda d'aquelle pequenino grupo, depositario das verdades por meio das quaes se ganha a bemaventurança eterna, vão nascendo entretanto as falsas civilisações, fazendo-se grandes, adquirindo brilho, causando admiração e espanto, corrompendo-se, desmoronando-se e extinguindo-se, umas apoz outras. Funda-as a descendencia d'aquelle que Eva julgava ter-lhe sido dado pelo Senhor, e ella mesma as povoa e decompõe, proclamando em toda a parte e sempre o poder irrisorio do homem livre e o triumpho estupido da materia.

Porque já não ha Deus ou, para melhor dizer, cada qual tem o seu. Uns divinisam as cebolas, outros o boi vivo ou o vitello d'ouro, estes o fogo, aquelles a agua; prostram-se diante de um pedaço de madeira, aviltam-se diante d'uma pedra, assassinam-se ou prostituem-se diante d'um idolo de bronze, ou de ferro. Acabou-se o ceo, um Olympo é o que ha agora, e não se ouve fallar senão em amores entre os deuses e os mortaes, entre as deusas e os homens. É uma correria constante a do Olympo [para a terra e da terra para o Olympo. Jupiter, o rival e substituto do Deus de Noé, Abrahão, Jacob, José, Moysés, Josué, Samuel,

Saul, Salomão e Job, Jupiter transforma-se alternativamente em cysne, toiro, chuva d'oiro, para satisfazer os caprichos da sua dama, que umas vezes quer que elle a affague, outras que seja robusto ou generoso. A casta Diana, essa mesma desce do seu carro de prata para se entregar a Endymião atraz d'uma nuvem, e a sabia Minerva disputa a Venus e Juno o pomo do pastor Pâris. Os povos andam dez annos em guerra por causa da amante d'este maganão, e as desgraças de que ella é causa são cantadas em versos immortaes pelo maior poeta da antiguidade. Socrates janta em casa de Aspasia, e Pericles casa com ella. O Areopago absolve Phryné por ser formosa, e Praxiteles colloca a estatua d'ella no templo de Delphos entre a de Apollo e a de Archelaüs; os Gregos mais abastados fazem economias para poderem ter de vez em quando alguma d'aquellas prostitutas de Corintho que Demosthenes apreça e acha carissimas; triumpham finalmente as descendentes da familia de Caim, todos as adoram, glorificam e divinisam. Vendo isto o homem, convertido em louco pela omnipotencia divina, quer tambem ser Deus. Declara-se omnipotente, divino, á imitação de Caligula, e dá o cavallo por consul aos subditos que tambem não são dignos de mais, segundo aquelle axioma que diz que os povos tem sempre os

governos que merecem. Entretanto entrega-se a imperatriz aos athletas nas encruzilhadas, até que lhe deitem o corpo, cançado mas não farto, para o meio do lodo que serviu para formar a sua raça.

Todavia ha já sete seculos aproximadamente que este povo, providencial sem o saber, sugeita, agita, revolve os outros povos do globo para poderem receber melhor a semente de que vae sair o novo mundo. Roma acordou Sem na Asia e na India, Cham no Egypto e em Africa, Japhet na Germania, Hespanha e Gallia, para ouvirem todos o que vae dizer-lhes o Deus dos seus antepassados.

Os homens com effeito tem chegado a tal grau de loucura, orgulho e corrupção, que Deus ou ha de exterminal-os ou salval-os. Ora Deus prometteu a Noé que nunca faria perecer todos os homens ao mesmo tempo. Por conseguinte o mundo, em vez de ser destruido, será salvo.

Para que a intervenção e a vontade de Deus não possam ser contestadas, inverte elle todas as leis da natureza, n'um facto cuja inverosimilhança e impossibilidade são assumpto ha dezoito seculos de todas as discussões do racionalismo humano.

Subitamente ouve-se uma mulher, que digo eu, uma virgem de dezeseis annos, repetir ao cabo

de mil lustres, a primeira expressão de que se serviu a primeira mãe, e exclamar: «Tenho um homem por graça do Eterno.» Esta todavia sabe perfeitamente o que diz. Appareceu-lhe um anjo dizendo que não se admirasse, e que havia de conceber pelo extase, assim como as outras mulheres concebem pelo amor. Maria é a escolhida entre todas para dar á luz o salvador reclamado pelos erros dos homens e prophetisado além d'isso por todos os prophetas para tempos que são chegados. Nem um atomo de barro terrestre entra n'esta nova, extraordinaria e milagrosa criação, unica digna do Deus menospresado que cria e do Deus ignorado que ha de nascer. Não pode introduzir-se lá a serpente, o proprio homem foi excluido. D'esta vez nem a virgem terá que lastimar-se, nem a mulher que corrigir-se, nem a mãe que substituir-se; está só, e não ha fórma humana que lhe occulte ou suppra momentaneamente o seu Deus. O marido de Maria é simplesmente testemunha d'aquella esposa immaculada, e o pasmo que a principio lhe causa o milagre converte-se logo em respeito. Vão constituir, n'uma só pessoa, um só estado os dois estados sagrados da mulher, aquelles que o homem, não sendo malvado ou doido, ha de sempre respei-

tar, virgindade e maternidade, estados incompativeis até áquelle momento.

Sensibilisa tanta seducção e encanto! que audaciosa poesia! que magestade simultaneamente tão imperiosa e meiga!

Estamos bem distantes, não só dos grosseiros amores do Olympo e da monstruosa fecundação dos seus deuses, mas inclusivamente da curiosa innocencia de Eva e da pudica commoção de Rebecca. Nunca houve poeta, por maior que fosse a sua imaginação, capaz de sonhar coisa parecida com isto. No ceo do Oriente passa um anjo, ao mesmo tempo na terra pende um lyrio, ajoelha para resar uma virgem; e instantes depois é nado o salvador do mundo, o filho de Deus. Expressão mais elevada e ideal, nenhuma victoria de mulher pode ter.

Lembre-se agora, meu caro senhor, do que este homem nascido d'uma virgem e que ha de dizer á Samaritana: «Sou eu mesmo o Messias que vos annunciaram;» que ha de dizer na synagoga de Capharnaum: «As palavras que vos digo são espirito e vida; eu sou a luz do mundo;» que ha de dizer aos Judeos: «Sou o principio de todas as coisas eu mesmo que vos estou fallando;» que dirá finalmente o que nenhuma bocca humana ousara proferir antes

d'elle, nem ousará depois contradizer: «Qual de vós pode convencer-me de peccado?» lembre-se, meu caro senhor, do que este homem responde áquella virgem unica, áquella incomparavel mãe em cujas entranhas foi divinamente gerado, quando pela primeira e ultima vez lhe dirige a palavra.

Houve uma boda em Cana na Galiléa, e a mãe de Jesus estava presente:

«Jesus foi tambem convidado para a boda com os seus discipulos.

«E como faltasse o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:

«Elles não tem vinho.»

«Jesus respondeu-lhe: «Que ha de commum, mulher, entre vós e mim? Não é chegada ainda a minha hora.»

Quem conta isto? A testemunha mais fidedigna d'estes successos, o discipulo mais obediente do filho, o amigo mais terno da mãe, aquelle a quem Jesus ha de confial-a quando morrer, S. João.

A regularmo-nos pela letra do texto citado por mim, Jesus mais tarde não terá direito de dizer: «Qual de vós poderá convencer-me de peccado?» porque qualquer poderá responder-lhe: «Infringiste um dos mandamentos de Deus do qual te dizes filho;

faltaste ao respeito devido a tua mãe, e então que mãe! nenhum de nós, a quem queres ensinar a Lei, incorreu ainda em tamanha culpa.»

Portanto que significa aquella phrase altiva e rude, depois da qual Maria, em vez de lembrar ao filho os seus deveres filiaes e de expulsal-o como Noé fez ao filho que lhe faltou ao respeito, depois da qual Maria, reprehendida, se limita modestamente a dizer aos que a rodeiam:

«Fazei tudo o que elle vos disser.»

Significa simplesmente que sendo Jesus mesmo o principio das coisas, como elle proprio disse, todas as coisas, mal elle desce á terra, devem tornar a entrar na ordem eterna determinada por Deus, ordem que o primeiro homem menospresou e alterou por ter prestado attenção á voz da primeira mulher, e que é necessario restabelecer ao cabo de cinco mil annos de confusão e desordem:

A serpente não deve n'este novo Eden ter poder sobre a mulher, assim como a mulher não deve ter influencia sobre o homem *nem obrigal-o a antecipar a sua hora*, O unico juiz da opportunidade da sua acção é elle só, e não obstante fazer alliança de carne e alma com ella, para cumprirem as vontades do Senhor, não deve sujeitar-se-lhe. Tornam para os seus respe-

ctivos logares o divino, o masculino e o feminino. Cada qual volta subitamente á sua esphera d'acção, é chamado ás suas funcções e entregue ao seu destino. Deus fica sendo omnipotente, omnimediador o homem, e a mulher omnidisponivel. O homem passa a attender só Deus, a mulher a attender só o homem. Se a mulher attender a serpente, passará a andar de rastos com ella, se o homem attender a mulher, n'ella irá encontrar a morte.

E eis aqui está a razão porque Jesus, Deus feito homem para o homem poder reconquistar o seu Deus, responde, não á virgem ou á mãe, senão ao feminino: «Que ha de commum entre ti e mim? Eu só dependo de Deus, meu pae. Sou o mediador, e tu és simplesmente o meu auxiliar.» E reconhecendo em Jesus o seu senhor, o feminino responde humildemente pela voz de Maria: «Fazei tudo o que elle vos disser:»

E agora que oiçam os que têem ouvidos! Que vejam os que têem olhos! Depois do golpe de estado divino do nascimento de Christo, já não podem allegar ignorancia, nem eximir-se á responsabilidade. A verdade a todos se impoz! Está conhecida a lei! O universo já tem Deus: já tem alma a humanidade!

Por meio d'esta admiravel tradicção biblica tenho a vida em Adão, a terra em Noé, a familia em

Abrahão, a lei em Móysés, a redempção em Jesus, com certas condições que nem são superiores á minha intelligencia nem ás minhas forças. O antigo Testamento explica-me e dá-me a terra: vendo o novo Testamento que não me basta a terra, abre-me o caminho do céo.

Pelo primeiro sei o Deus de que emano, pelo segundo o Deus a cujo seio hei de voltar, e ambos são o mesmo, inexgotavel e infinito no amor, eterno e immutavel na vontade.

Pois poderá enganar-me um espirito como Moysés, o maior que tem vindo a este mundo, e uma alma como Jesus, a mais pura que tem brilhado por cima dos homens? E para que haviam de enganar-me? Que proveito poderiam tirar d'isso? Que interesse poderiam ter em enganar-me que não fosse o de levantar, instruir e converter esta misera, ignorante e desvairada humanidade, pela qual batalhou o primeiro e morreu o segundo? E aquelles milhares de martyres que expiravam com o sorriso nos labios, e entoando canticos em louvor do novo Deus, no meio de supplicios horriveis, que interesse teriam elles em morrer de similhante morte que não fosse o de provar a existencia d'aquelle Deus subitamente revelado, que lhes satisfazia a intelligencia, o coração e

a alma mesmo no meio das torturas que padeciam por causa d'elle! E eu, homem novo, que não tenho que lutar senão comigo mesmo, porque elles livraram-me de todos os inimigos externos, eu não hei de acreditar n'um Deus de tal sorte proclamado? Seria inutil tanta coisa grande que se fez? Pois havia de dispender-se tanto genio, tanta puresa, tanta virtude, tanta coragem! havia de affirmar-se tanta coisa, conceber-se tantas esperanças, dar-se tantas provas, e tudo isto para nada? Pois Moysés havia de ser um aventureiro, Jesus um impostor! os apostolos haviam de ser um bando de ambiciosos, os martyres uma legião de doidos! Não pode ser. O Deus d'elles é tambem o meu, é o mesmo que eu procurava, o mesmo que eu quero! Acolhei-me no vosso seio, vós que lutastes, amastes, padecestes por minha causa; quero lutar. amar, padecer igualmente pela verdade affirmada e procurada por vós. Vejo, sei, creio, comprehendo. Tenho um senhor que é Deus! um dominio que é a terra! um meio que é o trabalho! um fim que é o bem! uma promessa que é o céo! um irmão que é o homem! uma companheira que é a mulher! Caminhemos.

Assim falla o primeiro christão.

São decorridos sete mil annos depois da creação; estamos de volta. Desatemos a fitinha preta com que atámos o libello do processo Dubourg e vejamos o que elle diz:

«O sr. Le Roy Dubourg casou em 1869, *em Villiers, ao pé de Vendôme, com Denise Mac Leod, que tinha então desenove annos de edade. Pertenciam ambos a familias respeitaveis.*

A senhora era dotada de caracter affectuoso, mas dado a caprichos, extravagancias e violencias inclusivamente. Imaginação ardente e algum tanto desregrada, carecia de direcção firme e discreta. Desgraçadamente o genio condescendente e a natureza franca do marido não deixavam a este adquirir influencia salutar sobre o animo de sua mulher... Elle demais a mais passava vida ociosa, não sabia em que empregar o tempo, etc.»

Fiquemos por aqui; não precisamos ir mais lon-

ge. Bem vêem que esta verdade: Deus omnipotente, o homem mediador, a mulher auxiliar, é hoje em dia base fundamental nas sociedades civilisadas, e a primeira cousa que faz o magistrado, em presença da lucta do masculino e do feminino em que este é destruido na fórma, por não ter podido ser vencido nos instinctos, é registar estes dois factos:

Más tendencias congenitaes da mulher, filha de familia respeitavel, e que a educação não póde modificar;

Necessidade que tem o homem de saber dirigir aquelle auxiliar, que nunca tem direcção propria.

São decorridos portanto sete mil annos e tudo se acha no mesmo estado. Temos em pé defronte de nós uma infinidade de questões que cedo ou tarde assaltam o espirito dos homens pensadores.

Religiões, philosophias, sciencias, a litteratura, a historia, a experiencia, o trabalho, a dôr, a observação dos nossos similhantes, o exame das cousas, correntes da intelligencia, do coração e da alma, tudo isto depositou em nós o ouro e o lodo de mil noções contradictorias, materiaes differentes com o auxilio dos quaes precisamos, antes de morrer, formar a nossa consciencia, para sermos realmente homens. A mim nada ha que me perturbe ou opprima, e es-

tou na crença de que lhe succede o mesmo, meu caro senhor, tenho a intelligencia em equilibrio, o coração em harmonia, a alma cheia de confiança, e sinto perfeitamente estes tres agentes immateriaes, que constituem a parte divina da minha natureza terrestre, usando separadamente das suas attribuições e procurando cada qual realisar a sua missão. Nem a ambição, nem o urgulho, nem o dinheiro tem poder — tyrannico poder, o mais tyrannico de todos, — para obrigar-me a dizer o que não penso ou impedir-me que diga o que tenho na mente. Não professo nenhuma doutrina exclusivamente, nem pertenço a seitas ou corrilhos; finalmente, sou livre na accepção eterna da palavra, e consciente. Isolo-me, reuno toda a minha attenção, subo á montanha e olho lealmente para baixo, para cima, á roda de mim, e para além.

O mesmo expectaculo sempre:

Em baixo: as cidades, o ruido, a terra, os homens empregando todos os meios possiveis para descobrir a felicidade.

Á roda: a natureza, regular, fecunda, silenciosa, insensivel, velada mas não impenetravel;

Por cima: o ceo scintillante de segredos, incommensuravel, infinito;

Para além: o desconhecido, no qual cada re-

ligião depositou uma promessa, no qual cada philosophia admittiu um mysterio, e no qual por fim de contas, o homem só pensa quando entra lá. Acho-me mesmo no centro da vida universal, livre de todas as preoccupações e influencias terrestres, e a Criação fala-me, a mim que sou um atomo no meio d'ella, exactamente como falou a Noé no monte Ararat, a Moisés no Sinai, a Jesus no monte das Oliveiras, como fala ao mais humilde dos mortaes quando elle está resolvido a ouvil-a e a dar-lhe credito.

Eu, meu caro senhor, se tivesse algum filho, havia de leval-o, no dia em que elle completasse vinte e um annos, havia de leval-o á minha montanha e dizer-lhe: «Conheces já das sciencias exactas e positivas o que muitos homens não sabem, cousas que eu nunca soube nem saberei, em consequencia de ter dispersado a mocidade ao acaso e passado os primeiros annos da idade madura a procural-a e a juntar os pedaços que ia achando; queria assentar a minha vida, concentrar-me e entender-me. Com attenção, methodo e perseverança augmentarás o thesouro dos conhecimentos adquiridos. São os teus dominios terrestres, explora-os como entenderes, mas tendo em vista sempre, bem entendido, os progressos da humanidade a que pertences. Agora falta-te um

reino, mas para isso não basta só ter memoria e erudição, necessitas ter consciencia, isto é, conhecimento dos outros e de ti mesmo.

«Tens vinte e um annos. A lei declara-te maior, e, por conseguinte, senhor das tuas acções, mesmo quando estiverem em opposição com as minhas, dá-te de hoje em diante participação nos destinos do teu paiz, mas não te deixa casar antes dos vinte e cinco annos, o que prova que ella considera a direcção da mulher como sendo a cousa mais difficil para o homem. Tenho portanto quatro annos para te ensinar essa tal cousa difficil. Principiemos: bastarão quatro linhas se quizeres dar credito ao que vou dizer.

«Sabes, não é verdade, que não és composto só de sangue, musculos, nervos e ossos? Ha de vir um dia em que não restará cousa alguma do teu corpo, que hoje é a tua fórma visivel e constitue o teu eu palpavel, e se tivesses nascido para possuir isto só, serias inferior ao leão em força, ao carvalho em altura e á carpa em duração. Não vives portanto só pelos orgãos, e n'isto está o principio da tua superioridade sobre o resto da criação. Pensas, comprehendes, sentes, recordas-te, tens saudades, esperas, padeces, amas, não odeias, felizmente, mas tens outro eu invisivel, que a tua fórma contém mas não limita apesar d'ella

mesma ser limitada, e no qual resoam, encadeiam-se, combinam-se e vivem mil impressões diversas.

«Estás portanto não só no que existe dentro como fora de ti; não só fazes parte da criação material com a qual estás em relações, como fazes parte igualmente d'essa outra criação incorporea que constitue o mundo das idéas e sentimentos a que démos o nome de alma. A primeira criação ensina-te que és igual a tudo quanto nasce, vive, reproduz-se e morre á roda de ti; a segunda, que és superior a tudo isso, porque involuntariamente és attraido pelo eterno e infinito, pelo proprio Criador que te teria feito um presente inutil se na alma que te deu não tivesse posto a necessidade de o conheceres e de te identificares com elle.

E por não poderes imaginar nem definir a forma do Criador, deverás opinar que não existe? Podes por ventura imaginar e definir a forma, séde, mechanismo do teu pensamento, das tuas dores, da tua memoria e da tua vida? E todavia todas estas coisas existem, e os que dizem que pensam, padecem, recordam-se e vivem não estão doidos, os doidos são os que nem pensam, nem padecem, nem se recordam, nem vivem a vida indefinivel da alma. Assim como ha mil coisas que, sem serem evidentes na forma, o são pelos effeitos, o Criador invisivel é posto em evidencia

pela criação visivel. Onde não houver ainda ou onde não houver já esta idéa de Deus, tudo serão trevas, confusão e barbarie. Eu sou porque elle é, elle é porque eu sou.

A razão porque o Criador, ao dar-nos a maneira de existir que nos é propria, nos deu o sentimento e a convicção sem o exacto conhecimento da sua forma, é que o conhecimento exacto da sua forma jámais poderia conciliar-se com a obra secundaria de que estamos incumbidos. Se conhecessemos Deus na sua integridade, não haviamos de querer servil-o, seriamos iguaes a elle. A julgar pela tradição, era exactamente isto o que queria o primeiro homem quando comeu ás escondidas do fructo da arvore do bem e do mal. Herdou este mesmo desejo a humanidade, porém não sabe por que meio ha de satisfazel-o. Pois o meio existe, disse-o d'uma vez para sempre a palavra de Jesus. Eis aqui está a razão, meu querido filho, porque eu te eduquei na tradição da Biblia e na moral do Evangelho. Affirmei-te que ha só um Deus, que é esse que tu admiras e honras: fiz-te comprehender o que é pae e mãe e o que lhes deve o teu coração; não te deixei fazer aos outros o que não quererias que te fizessem a ti, e ensinei-te, não digo a amar, porque não é coisa que se aprenda d'um instante para o outro,

mas ao menos a respeitar o teu proximo como se fosses tu e ajudal-o e soccorrel-o o mais que podesses. Nunca te apropriaste do alheio e jámais faltaste á tua palavra; finalmente foste tentado por uma mulher que não era tua, porém o trabalho e a vontade não te deixaram succumbir á tentação, conservaste-te casto, e hoje achas-te na presença do amor e por consequencia do casamento cheio de crenças, robustez e virgindade.

«Sentes-te com forças, agora que conheces bem as tuas simultaneas relações com o Criador e a criação, agora que percebes em que consiste a tua mediação terrestre, sentes-te com forças para dizer ao feminino: «Que ha de commum entre vós e mim?» e queres consagrar-te unica e totalmente ao amor das coisas immortaes, ao amor de Deus, da natureza, da humanidade, da sciencia e da arte? Se te sentes com forças para isso, nada mais te direi, meu filho, está resolvido o problema e inclino-me na tua presença, agradecendo ao mesmo tempo á mulher que me ajudou a criar um tal filho; mas se por acaso a superabundancia de vida contida em ti quer espalhar-se e dilatar-se n'outra forma differente da tua, se sentes no coração necessidade de amar e ser amado e queres ser amado e amar igualmente com os sentidos, se julgas

que podes conciliar o amor com a tua missão de homem, como tantos outros homens, e uteis e grandes, tem feito com risco de encontrar a desgraça onde só queriam achar a felicidade, não o procures fora do casamento: é a unica parte onde existe, porque é a unica parte onde ha estima. Ora o amor sem estima nem pode ir muito longe nem subir muito alto. É um anjo só com uma aza.

«Has de todavia ouvir dizer que um homem civilisado não deve casar sem conhecer uma ou mais mulheres, ainda que seja só para aprender a conhecel-as, para não parecer acanhado e ridiculo e não se apresentar desarmado á mulher que ha de desposar. Nada d'isto porém é exacto. Para conhecer as mulheres não basta tel-as possuido physicamente. Quanto mais as mulheres revelam os segredos do corpo, mais guardam os da alma. A mulher que tem um amante esconde-lhe sempre alguma coisa. No fim de seis mezes de confessionario qualquer padre, em sendo intelligente e *casto*, conhece melhor as mulheres que D. Juan, apezar das suas mil e tres amantes. Além d'isso, ou as mulheres que tu conhecesses d'esse modo seriam mulheres deshonestas e desviar-te-iam do bom caminho, ou seriam mulheres de bem e desvial-as-ias tu a ellas. As primeiras não te ensinariam se-

não a desprezar as mulheres, as outras ensinar-te-iam a ter despreso de ti mesmo. Quando encontrares alguma mulher, quer sejas solteiro, quer sejas casado, faze sempre a diligencia por levantal-a se estiver caida, e não a faças cair nunca se estiver levantada. A mulher honesta é o espectaculo mais formoso que ha. D'este modo saberás ácerca d'este assumpto tanto como os mais entendidos n'elle.

Casa-te portanto, seja em que classe fôr, toda a vez que a mulher que destinas para esposa fôr crente, pudica, laboriosa, saudavel e alegre, sem ironia. Não escolhas nunca para casar uma rapariga amiga de gracejar. Na mulher o gracejo é symptoma do inferno. Não cases tambem sem conhecer a fundo os paes. Taes paes, taes filhos! É regra geral, e quando ha excepção é simplesmente apparente, é porque não se observou bem. Não imponhas nunca a maternidade a tua mulher, faz com que ella a comprehenda e deseje. Utilisa-te d'ella a miudo, mas respeitando-lhe sempre a forma; não a glorifiques senão no seu valor de esposa e na sua funcção de mãe; mas que seja mãe na mais lata accepção da palavra, e o maior numero de vezes possivel. Os muitos filhos d'uma mãe como ella e d'um pae como tu não são só a benção da familia, são o exemplo tambem, e o ex-

emplo vale mais que a lição, naturalmente porque é mais difficil de dar. É um hypocrita ou um maniaco a quem devemos voltar as costas o homem que não põe a sua vida intima em harmonia com os principios que expõe ou com os conselhos que dá. Jesus não teria fundado a sua religião, não teria feito mais que expôr uma doutrina fadada para morrer com elle, se se houvesse limitado a formular a sua admiravel moral e elle proprio não a pozesse em pratica. Foi divino pela harmonia que reinou sempre entre a sua vida e as suas doutrinas.

«Sê por conseguinte tu mesmo tão irreprehensivel como queres que seja a tua companheira, para que ella nunca tenha motivo de desgosto nem desculpa. Inicia-a lealmente no teu destino humano e divino, para que, se vieres a morrer antes de teus filhos terem edade sufficiente para se dirigir, ella não se veja na necessidade de tomar outro homem, e possa constituir-se mãe e pae, o grau mais elevado a que pode chegar a mulher.

«Faze-lhe comprehender a vida, que é simplissima; explica-lhe a morte que é facilima quando se faz da vida o uso que ella deve ter, e que fique sabendo bem que tanto uma como outra são simplesmente meios da eternidade, na qual vos achaes am-

bos comprehendidos, e na qual nada ha que vos possa separar, porque sois o Homem-Mulher, juntos, unidos ambos no mesmo amor. Não te esqueça que pelo facto de a tomares para auxiliar te obrigas a ser para ella esposo, amigo, irmão, pae e sacerdote. Nenhum outro homem, não sendo tu, deve tornar a penetrar na sua alma, seja qual for o caracter de que se ache revestido. O que dá poder ao padre não é a nossa credulidade, apezar do que disse Voltaire, a nossa ignorancia é que o faz indispensavel. Forma a tua consciencia e verás que não tens necessidade de intermediario entre o teu Deus e o d'elle, que é o mesmo em ti e por ti. Finalmente, se pertences ao numero dos que sabem, prova-o juntando e fechando os tres lados do triangulo: Deus, o Homem, e a Mulher.

«Mas se apesar das tuas precauções, esclarecimentos, conhecimento dos homens e das coisas, se apesar da tua virtude, paciencia e bondade, fores enganado por apparencias ou fingimentos; se fôr indigna de ti a creatura que tiveres associado á tua vida; se depois de teres diligenciado em vão fazer d'ella uma esposa digna d'este nome, nem pela maternidade, redempção terrestre do seu sexo, a conseguires salvar; se já não quizer atten-

der-te nem como esposo, nem como pae, nem como amigo, nem como senhor, e abandonar os teus filhos, para ir, com o primeiro homem que lhe apparecer, dar vida a outros, que continuarão na terra a raça maldita da mãe; se nada fôr capaz de obstar a que ella com o seu corpo prostitua o teu nome; se te limitar no teu movimento humano; se te detiver na tua acção divina, então declara-te pessoalmente, em nome do teu Senhor, juiz e executor d'essa creatura, já que a lei que assumiu o direito de unir não quer assumir o direito de desligar, declarando-se d'este modo impotente. A mulher não é isso, essa creatura nem mesmo chega a ser uma mulher; não está na concepção divina, é puramente animal; é a macaca do paiz de Nod, é a femea de Caim; — mata-a.»

Aqui está, meu caro sr., o que eu diria a meu filho se o tivesse. Mas como o não tenho, estes meus conselhos são como se eu os não desse, á similhança de tantos outros que tenho dado, porque ninguem tem direito de ensinar aos filhos alheios idéas tão absolutas e provavelmente tão insensatas como as minhas.

Em todo o caso, são estas as que eu tenho ha muito tempo; veio evocal-as e confirmal-as a leitu-

ra da sua agradavel carta, e não pude resistir ao desejo de lh'as communicar.

Acceite-as, meu caro sr., como collega, não como filho, e creia-me animado dos melhores sentimentos a seu respeito.

AL. DUMAS FILS.

Junho 1872.—Seignelay.

(Debaixo dos castanheiros.)